

CADERNO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

CONSTRUINDO CAMINHOS PARA INSERÇÃO DA

CULTURA AFROBRASILEIRA NO CURRÍCULO ESCOLAR QUISSAMAENSE

O JONGO, O FADO E O BOI MALHADINHO COMO
POSSIBILIDADES POLÍTICO-PEDAGÓGICAS NAS
AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARCILON BEZERRA DA SILVA

CONSTRUINDO CAMINHOS PARA INSERÇÃO DA CULTURA AFROBRASILEIRA NO CURRÍCULO ESCOLAR QUISSAMAENSE

O JONGO, O FADO E O BOI MALHADINHO COMO POSSIBILIDADES
POLÍTICO-PEDAGÓGICAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MARCILON BEZERRA DA SILVA

Autor

MARCILON BEZERRA DA SILVA

Orientador

LUIZ ALEXANDRE OXLEY DA ROCHA

Banca Examinadora

MARIA CECÍLIA DE PAULA E SILVA

ANTÔNIO DE MORAES

Realização

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS (CEFD)

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO
FÍSICA EM REDE NACIONAL (PROEF)

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

R788c Silva, Marcilon Bezerra da. 1984-
E-book [recurso eletrônico] : Construindo caminhos para a
cultura afro-brasileira no currículo escolar quissamaense /
Marcilon Bezerra da Silva, Luiz Alexandre Oxley da Rocha. -
Dados eletrônicos. – 2024.
59 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação]
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
Modo de acesso: [http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-
br/produto-tecnico-educacional](http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional)

1. Educação física. 2. Danças folclóricas brasileiras. 3.
Cultura afro-brasileira. I. Rocha, Luiz Alexandre Oxley da. II.
Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação
Física e Desportos. III. Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho. IV. Título.

CDU: 796

Elaborado por Eliete Ribeiro Almeida – CRB-6 ES-603

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
INTRODUÇÃO	6
CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE UMA APRESENTAÇÃO CULTURAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	13
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA PROPOSTA EDUCACIONAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUISSAMAENSE	21
METODOLOGIA	25
ORGANIZANDO A APRESENTAÇÃO CULTURAL	32
ORGANIZANDO OS ENCONTROS-FORMATIVOS	33
AVALIAÇÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICE	51
SOBRE O AUTOR	51

APRESENTAÇÃO

É com grande entusiasmo que apresentamos este e-book, resultado do projeto desenvolvido pelo professor Marcilon Bezerra da Silva com a turma de 802 do CIEP Dr. Amílcar Pereira da Silva no ano de 2023, como parte da pesquisa "Construindo caminhos para a inserção da cultura afro-brasileira no currículo escolar Quissamaense: O jongo, o Fado e o Boi Malhadinho como possibilidades político-pedagógicas nas aulas de Educação Física", integrante do mestrado profissional em Educação Física (ProEF). Esta iniciativa visa enriquecer a formação continuada dos educadores da rede municipal de ensino de Quissamã.

Este e-book foi elaborado com o objetivo de oferecer subsídios teóricos e práticos para os professores, auxiliando-os na abordagem da cultura afro-brasileira em suas práticas pedagógicas. Com ele, esperamos contribuir para a valorização e o respeito à diversidade cultural, além de fomentar reflexões sobre a importância da inclusão de diferentes manifestações culturais no currículo escolar.

Neste material, você encontrará sugestões de atividades, reflexões e orientações para aplicação em sala de aula, fundamentadas em experiências reais e resultados de pesquisas. Nosso intuito é oferecer ferramentas que enriqueçam o trabalho dos educadores, promovendo uma educação mais inclusiva e consciente da diversidade cultural brasileira.

Os conteúdos aqui presentes foram elaborados para auxiliar na formação continuada dos professores da rede municipal de ensino de Quissamã. Para facilitar o acesso ao material, incluímos QR codes que direcionam aos vídeos e materiais utilizados no processo de ensino-aprendizagem. O primeiro QR code direciona a um vídeo produzido pelos estudantes para resumir todo o processo da proposta pedagógica, oferecendo uma visão geral do trabalho realizado.



O segundo QR code é uma apresentação contendo os principais temas abordados durante a formação continuada realizada em setembro e outubro de 2023.



O terceiro QR Code é para ter acesso a todos os instrumentos de acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem.



Gostaríamos de expressar nossa profunda gratidão a todos os envolvidos neste projeto, cuja dedicação e esforço foram fundamentais para sua realização. Este e-book representa não apenas um trabalho acadêmico, mas também um esforço coletivo para enriquecer a prática pedagógica na rede municipal de ensino de Quissamã. Esperamos sinceramente que este material se torne uma fonte de inspiração e aprendizado, não apenas para os professores, mas para toda a comunidade escolar, incentivando a reflexão, o diálogo e a implementação de práticas inclusivas e culturalmente relevantes. Que este e-book seja um instrumento valioso para promover uma educação mais significativa e inclusiva, que valorize e celebre a diversidade cultural e histórica de nossa região.



Marcilon Silva

INTRODUÇÃO

Entrar em um programa de mestrado para muitos professores torna-se uma tarefa muito difícil, devido as particularidades de cada um, e principalmente, sobre o tempo que esse professor poderá disponibilizar para dedicar-se a sua formação continuada.

Em estudo desenvolvido por Lima e Cunha (2022), constatou-se que 25% dos professores reclamam que não possuem tempo para se prepararem para o processo seletivo dos mestrados e que as diferentes fases de seleção e a dificuldade em elaborar um pré-projeto, junto com a dificuldade em passar na entrevista e um bom desempenho na prova escrita, desestimula a todos a entrarem em um programa de formação continuada stricto sensu.

Por isso, a criação de programas específicos que possam, de certa maneira, contribuir na formação dos profissionais de educação que estão inseridos na escola pública torna-se imprescindível para a qualidade do ensino da educação.

Assim, o Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (PROEF), vem contribuir na formação e na qualidade de ensino da Educação Física que está sendo desenvolvida nas escolas públicas brasileiras.

Os Programas de Mestrado Profissional para Qualificação de Professores da Rede Pública de Educação Básica - ProEB tem por objetivo a formação continuada stricto sensu dos professores em exercício na rede pública de educação básica, em conformidade com a política do Ministério da Educação – MEC, mediante apoio às instituições de ensino superior (IES) ou rede de instituições associadas do País, responsáveis pela implantação e execução de cursos com áreas de concentração e temáticas vinculadas diretamente à melhoria da Educação Básica. (Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica – ProEB, 2021).

Esses programas, através das instituições credenciadas, possibilitam ao professor que pretende fazer uma reflexão sobre sua atividade pedagógica, compreender e relacionar suas ações pedagógicas com as principais concepções de ensino que colocam o aluno no centro do processo de ensino aprendizagem. Estamos falando da possibilidade de uma reflexão-ação-reflexão-ação do professor na sua própria atuação, contribuindo para que ele possa auxiliar seus alunos a transformarem seus espaços de aprendizagem.

O que pode ser constatado na portaria Normativa nº 17 de 28 de dezembro de 2009 em seu artigo 3, incisos I, II e III, que dizem:

I - A capacitação de pessoal para a prática profissional avançada e transformadora de procedimentos e processos aplicados, por meio da incorporação do método científico, habilitando o profissional para atuar em atividades técnico-científicas e de inovação;

II - A formação de profissionais qualificados pela apropriação e aplicação do conhecimento embasado no rigor metodológico e nos fundamentos científicos;

III - a incorporação e atualização permanentes dos avanços da ciência e das tecnologias, bem como a capacitação para aplicar os mesmos, tendo como foco a gestão, a produção técnico-científica na pesquisa aplicada e a proposição de inovações e aperfeiçoamentos tecnológicos para a solução de problemas específicos.

A atividade de reflexão da prática pedagógica por parte dos professores, muitas das vezes, torna-se secundária do processo educativo, o que é um equívoco muito grande. Porque o professor tem um papel, onde suas atividades precisam ser a todo momento reflexivas. Seja na hora de planejar, na hora de executar e avaliar suas aulas. Esse é um processo cíclico que precisa ser compreendido pelo professor. No entanto, compreendemos que devido as exigências burocráticas no âmbito escolar e dos automatismos pedagógicos, muitos professores acabam deixando essa atividade reflexiva em segundo plano.

Segundo Oliveira, Moura e Lima (2021) os cursos de mestrado e doutorado possibilitam uma reflexão aprofundada da prática pedagógica sob a égide de sua articulação com a prática social ampla, contribuindo na possibilidade da construção da autonomia do professor em lidar com os problemas que surgem das condições objetivas de trabalho pedagógico, o que o auxilia a não se sentir isolado ou incapaz de dar respostas aos dilemas da prática profissional de ser professor.

E o PROEF, através de suas diretrizes educacionais, possibilitam ao professor inserido no programa, compreender a importância dos espaços no cotidiano escolar e como suas ações podem influenciar positivamente na construção de uma escola inclusiva e participativa. Com isso, transformará os espaços e os sujeitos que estão inseridos no contexto escolar.

E podemos observar essas características a partir do momento que o professor, que agora também é pesquisador, ou seja, professor-pesquisador, começa a questionar sua própria prática pedagógica e quais os objetivos que se pretendia com a construção e o desenvolvimento de planos de ensino anuais.

Dessa maneira, reconhece-se no professor a capacidade de elaborar saberes e conhecimentos pedagógicos advindos de sua prática, porém, é preciso avançar sobre a reflexão e mergulhar na pesquisa. Espera-se ampliar o fazer docente do próprio sujeito da pesquisa, sua capacidade de enfrentar a realidade, cada vez mais diversa e complexa, tomando consciência sobre sua prática. (Zaidan, 2018, p.94)

O professor-pesquisador, com essa ação-reflexiva, pretende identificar alguns pontos que precisam ser reflexionados para atingirem outros objetivos que não aqueles que estavam sendo priorizados. Dessa forma, há uma transcendência do professor, onde modificará suas ações pedagógicas e metodologias utilizadas.

Essa nova percepção da realidade começou a se concretizar quando a Educação Física sofreu algumas alterações no ambiente escolar. Uma das mais importantes e significativas foi a inserção da disciplina como parte integrante da proposta pedagógica da escola.

Antes dessa inserção, segundo Neira (2009), a Educação Física estava preocupada apenas com a melhoria da performance física e a descoberta de talentos esportivos, o que foi modificado a partir da Lei de Diretriz e Bases da Educação (LDB) de 1996.

A partir desse momento, a disciplina de Educação Física começa a ficar mais alinhada com o projeto escolar, tendo como principal função, aprofundar os conhecimentos sobre o patrimônio corporal.

Por isso, quando Vieira (2011) fala da importância da inserção da cultura e mais precisamente da cultura popular nessa área do conhecimento, ele está dizendo que esse conteúdo pode auxiliar o estudante na interpretação do seu contexto sociocultural através das vivências e da exploração de sua corporeidade. Esse mesmo autor diz que:

A perspectiva que conduz essas reflexões é a de situar a cultura popular na Educação Física escolar como uma manifestação de movimento, em que o objetivo se encontra na formação geral do indivíduo; desmistificando a relação da cultura popular com a concepção dual de ser humano, a percepção de corpo-objeto, ou corpo-dócil da Educação Física tradicional (VIEIRA, 2011, p.15)

Para Saviani (2015), só conseguiremos chegar a esse objetivo, quando primeiramente identificarmos os elementos culturais que precisam ser assimilados e depois as formas mais adequadas de se atingir esses objetivos.

Dessa maneira, o currículo não vai privilegiar atividades esportivas desconexas da realidade do aluno e sem sua contribuição, de maneira que possa agir criticamente na sua realidade, transformando-a.

Diante disso, corroboramos com a posição de Zandomínegue (2012) de que a inserção da cultura popular nas aulas de Educação Física possibilita a superação da maneira que o conhecimento é tratado, contribuindo para reinvenção da escola, na medida que valoriza os saberes locais, fundamentais para que a educação cumpra seus princípios e fins promulgados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996.

O que se está propondo é que os educadores investiguem e recuperem as experiências dos estudantes, analisando seus saberes, suas práticas culturais e as formas pelas quais suas identidades se inter-relacionam com essas manifestações. (Neira, 2008).

Estamos falando de retirarmos o ensino pautado na aprendizagem de habilidades motoras e esportes, para um ensino que contribua para que o estudante compreenda a sua realidade e consiga transpor esses conhecimentos de forma que transforme sua realidade.

É o que está acontecendo nesse percurso onde estou no momento. Antes da minha inserção no PROEF, tinha uma atividade pedagógica com muita ênfase no ensino de esportes e habilidade motoras, totalmente desvinculado do processo educativo e dos principais documentos norteadores da educação.

Durante o desenvolvimento das aulas, comecei a observar que podemos ampliar nossas ações e contribuir efetivamente para um processo educativo inclusivo e participativo. A partir desse momento, precisaria modificar e/ou transformar a minha atuação docente.

Foi através dessa nova perspectiva do processo de ensino-aprendizagem que comecei a observar que alguns conteúdos estavam sendo negligenciados na escola, o que não poderia ocorrer devido a história do município onde a escola estava inserida. Conteúdos que podem contribuir na promoção de protagonismos nos estudantes e no sentimento de pertencimento ao local.

A história de Quissamã inicia-se com a doação de terras aos chamados “Sete Capitães”, como pagamento aos serviços prestados à Coroa portuguesa em 1627. Dessa época também surge a origem do nome da cidade, que teria surgido de um encontro inusitado “ocorrido entre o Capitão Miguel Ayres de Maldonado e Kissama, um negro que foi avistado por ele junto a um grupo de índios e que se autoidentificou como forro e oriundo de Kissama” (Fernandes, 2017, p.46), província de Angola no continente africano. Segundo Oliveira apud Fernandes (2017), Quissamã difere de outros tantos municípios localizados no território Fluminense, sendo talvez o único município fluminense cujo nome tem sua origem ligada a um afrodescendente.

No século XIX, Quissamã prosperou como importante produtor de açúcar. Durante esse período, iniciou-se a estruturação do atual patrimônio histórico-cultural, que inclui solares, engenhos, senzalas, casarões, igrejas, capelas e as imponentes palmeiras imperiais, simbolizando a visita de D. Pedro II. Esse patrimônio é uma marcante herança do passado, evidenciando as características da época, modo de vida, cultura, religiosidade, entre outros elementos.

Desse modo, cada passo dado em Quissamã revela-se uma jornada rica em significados, onde os elementos urbanos e naturais entrelaçam-se para contar a história viva desse município. É a partir dessa perspectiva que exploramos as raízes históricas que fundamentaram a identidade de Quissamã, desvendando os eventos e as personalidades que moldaram os contornos dessa cidade ao longo dos anos.

“ A origem da palavra é angolana, pois Quissamã é uma cidade que fica a 80 quilômetros de Luanda, na foz do rio Kwanza, origem principal dos negros que eram vendidos ou negociados no Brasil. A palavra significa “fruto da terra que está entre o rio e o mar” (Espírito Santo, Freire, 2004). ”

Assim, ao percorrer as ruas e conhecer os diversos espaços que compõem Quissamã, poderemos reconhecer esses lugares não apenas como geografias físicas, mas como testemunhas ativas da história e cultura de um povo. Cada praça, edificação e recanto conta uma narrativa única, oferecendo uma oportunidade valiosa de nos apropriarmos desses espaços como fontes vivas de conhecimento e identidade.

Nesse contexto, a cidade se tornará mais do que um mero cenário; ela se transformará em um arquivo aberto, convidando-nos a explorar suas páginas e descobrir os capítulos que permitiram-na Ser o que é hoje.

Assim, partiremos do pressuposto de que as manifestações da cultura afro-brasileira produzida na cidade de Quissamã pode contribuir na ressignificação da disciplina de Educação Física na escola e na sua afirmação como (co) responsável no processo formativo, possibilitando ao estudante reconhecer nessas práticas a possibilidade de conhecer a sua própria história.

Portanto, para que a escola possa dialogar com as exigências da época atual e afirmar sua função social de formar sujeitos com posição social e histórica, é necessário que as atividades pedagógicas considerem os diversos aspectos culturais que circulam nesse contexto.

Diante disso, tomaremos como ponto de partida, as manifestações da cultura afro-brasileira da cidade e as práticas corporais que estão associados a essa cultura, de forma a auxiliar na produção de protagonismos por parte do estudante que tem acesso a sua própria história.

Estamos falando em trazer para o âmbito das aulas de Educação Física em ambiente escolar, uma cultura que é produzida pelos grupos marginalizados da história brasileira. Esses grupos acabaram se encontrando e transformando suas culturas através das combinações de suas culturas. Por isso, concordamos com Vieira (2011), quando diz que:

O povo brasileiro é um povo plural, cuja trajetória, desde a formação até os dias de hoje, tem possibilitado o encontro e a combinação de tradições culturais diversas, recriadas em combinações novas, brasileiras. A história desses encontros e criações que é a própria história brasileira é marcada por conflitos e contradições. O povo brasileiro, além de multiétnico, é pluricultural, desde os primeiros tempos. (p.18)

Diante deste cenário, utilizaremos para tematizar as aulas de educação física as manifestações da cultura afro-brasileira que pode ser resgatada através da memória que é transmitida de geração em geração, onde encontramos conservados e reproduzíveis todos os artefatos simbólicos e materiais que mantêm a complexidade e a originalidade da sociedade que vive. “Por essa razão, a tematização do conhecimento popular no currículo potencializará novos métodos para validar a importância e a oportunidade das vozes divergentes”. (Neira, 2007, p.176)

Para Neira (2007, p.175-176) o trabalho “arqueológico” na sala de aula permite um ensino comprometido com a cultura dos estudantes para poder ampliar seus conhecimentos sobre o patrimônio cultural e o reconhecimento social de suas identidades.

Daí a necessidade de identificarmos quais são as culturas produzidas por esses grupos e relacioná-las com as práticas corporais, o que permitirá a Educação Física desenvolver um trabalho pedagógico que desenvolva habilidades nos estudantes necessárias para que consigam relacionar o seu contexto social com os principais acontecimentos mundiais.

Para Almeida e Moreira (2020) o uso da cultura popular nos espaços escolares é um desafio, mesmo os professores reconhecendo a importância de se trabalhar esta temática, devido ao desafio proposto pelo próprio sistema de ensino público que busca contemplar, a partir das avaliações em larga escala, a língua portuguesa e a matemática como conteúdos principais para a aprendizagem dos estudantes.

Diante deste cenário, utilizaremos para tematizar as aulas de educação física as manifestações da cultura afro-brasileira que pode ser resgatada através da memória que é transmitida de geração em geração, onde encontramos conservados e reproduzíveis todos os artefatos simbólicos e materiais que mantêm a complexidade e a originalidade da sociedade que vive. “Por essa razão, a tematização do conhecimento popular no currículo potencializará novos métodos para validar a importância e a oportunidade das vozes divergentes”. (Neira, 2007, p.176)

Para Neira (2007, p.175-176) o trabalho “arqueológico” na sala de aula permite um ensino comprometido com a cultura dos estudantes para poder ampliar seus conhecimentos sobre o patrimônio cultural e o reconhecimento social de suas identidades.

Daí a necessidade de identificarmos quais são as culturas produzidas por esses grupos e relacioná-las com as práticas corporais, o que permitirá a Educação Física desenvolver um trabalho pedagógico que desenvolva habilidades nos estudantes necessárias para que consigam relacionar o seu contexto social com os principais acontecimentos mundiais.

Para Almeida e Moreira (2020) o uso da cultura popular nos espaços escolares é um desafio, mesmo os professores reconhecendo a importância de se trabalhar esta temática, devido ao desafio proposto pelo próprio sistema de ensino público que busca contemplar, a partir das avaliações em larga escala, a língua portuguesa e a matemática como conteúdos principais para a aprendizagem dos estudantes.

Diante deste cenário, a proposta de incluir as manifestações da cultura afro-brasileira como conteúdo das aulas de Educação Física representa uma ruptura com a forma tradicional pela qual os estudantes foram expostos aos conteúdos ao longo de sua trajetória escolar.

Assim, buscamos uma Educação Física transgressora, que ajude os estudantes a compreender e transformar seus espaços através de ações que possibilitem a construção de pontes, permitindo que se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias.

Por isso, concordamos com Hoolks (2017) quando diz que o aprendizado se revela como um espaço onde a utopia pode ser construída. Apesar das limitações da sala de aula, ela continua sendo um ambiente repleto de possibilidades. É nesse campo de oportunidades que podemos lutar pela liberdade, buscando expandir nossas mentes e corações para encarar a realidade enquanto coletivamente imaginamos maneiras de transgredir fronteiras. Esta é a educação como prática da liberdade.

Para proporcionar uma compreensão da totalidade do trabalho desenvolvido, o texto será dividido em três partes distintas e complementares. Na primeira parte, exploraremos a importância fundamental de criar uma apresentação cultural, e discutiremos a proposta educacional que almejamos construir. Destacaremos, nesse contexto, a relevância de uma abordagem que valorize as manifestações culturais afro-brasileiras, ressaltando como essa valorização pode enriquecer de forma significativa o processo educativo. Em seguida, apresentaremos nossa visão sobre a proposta pedagógica que busca integrar de maneira orgânica essas manifestações culturais ao contexto da Educação Física, visando não apenas enriquecer o conteúdo das aulas, mas também promover uma maior identificação e valorização da cultura local pelos estudantes.

Na segunda parte do texto, detalharemos o desenvolvimento dessa proposta educacional. Descreveremos as etapas pelas quais passamos, destacando os desafios enfrentados e as soluções encontradas ao longo do processo. Será uma oportunidade para compartilhar nossas experiências e reflexões, além de fornecer informações valiosas para outros educadores interessados em seguir um caminho semelhante.

Na terceira parte deste trabalho, intitulada 'Considerações Finais', realizaremos uma análise aprofundada do processo em sua totalidade. Destacaremos, principalmente, como a metodologia de ação-reflexão-ação, realizada de forma colaborativa entre os docentes e os demais envolvidos na elaboração e execução da proposta pedagógica, possibilitou uma compreensão mais profunda por parte dos estudantes sobre seus papéis na dinâmica social e escolar.

Além disso, identificaremos lacunas que permaneceram em aberto, as quais podem ser alvo de investigação por parte de outros professores-pesquisadores interessados em explorar a relevância da Educação Física no desenvolvimento de estratégias que contribuam para o protagonismo dos estudantes por meio da valorização da cultura local. Essas questões abertas representam oportunidades para novas pesquisas e aprofundamento na compreensão do tema.

Dessa forma, almejamos que este texto não apenas conclua a narrativa desta jornada pedagógica, mas também inspire reflexões continuadas e contribua de maneira substancial para a compreensão da relevância das manifestações da cultura afro-brasileira nas aulas de Educação Física, servindo como catalisador para mudanças significativas na prática educacional.

CONSTRUÇÃO COLABORATIVA DE UMA APRESENTAÇÃO CULTURAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Inicialmente, precisamos entender que fazer parte do processo de formação de um indivíduo não é uma tarefa simples, devido a todas as interrogações que são levantadas durante o percurso construtivo de ensinar.

Por isso, é importante que o Professor, como mediador do processo educativo, compreenda os fatores que podem colaborar positivamente ou negativamente nesse processo de formação.

De acordo com Carmo, Farias e Barzano (2020), a prática educativa e o papel do professor como facilitador dela são elementos fundamentais no processo de ensino. Afinal, é o professor quem, por meio de observações diárias, identifica e compreende as habilidades e dificuldades dos alunos.

Assim, uma das primeiras ações do professor deve ser compreender o aluno na sua totalidade. Segundo Abrantes e Eidt (2019) o desenvolvimento da pessoa só ganha concretude quando reconhecemos as determinações sociais, culturais, históricas e econômicas o que “deve propiciar uma contribuição na formação integral dos educandos, bem como na formação do homem, no que diz respeito à formação do ser crítico e autônomo” (De Paula, da Silva, Lima, 2013, p.61)

Outro ponto importante é relacionar esses determinantes com as necessidades que os alunos possuem, compreendendo que o “lugar que o indivíduo ocupa no sistema de relações sociais que condiciona as suas necessidades” (Magalhães, 2018, p.277).

Dentro desse contexto interpretativo sobre quem é o estudante que está se (trans) formando, o professor possui uma participação ativa como mediador entre a realidade objetiva e subjetiva do estudante, possibilitando-o apropriar-se da realidade social. Dessa forma, “espera-se qualificar o conhecimento do professor acerca do processo de desenvolvimento humano, para que ele se mantenha na posição de promovê-lo por meio do ensino” (Magalhães, 2018, p. 276).

Diante disso, encontramos na educação e, principalmente na educação física, uma possibilidade de potencializar os efeitos do processo de formação através das experiências que podem ser oportunizadas pelo professor.

Assim, concordamos com Boscatto e Kunz (2012) quando afirmam que é através de ações didático-pedagógicas que a Educação Física, como componente curricular, pode contribuir intencionalmente na promoção de experiências “intelectuais” e de movimento que façam sentido e significado aos sujeitos/alunos, demonstrando a capacidade humana de construir a sociedade, produzir cultura e adaptar-se e modificar continuamente diferentes situações.

Segundo Abrantes e Eidt (2019), o estudante só conseguirá esse entendimento a partir do momento que o professor, através da mediação, possibilite-o compreender que as relações sociais concretas são fundamentais para possibilitar avanços em direção à formação de uma relação consciente com o mundo.

Por isso, Neira (2009) diz que o objetivo da Educação Física é o mesmo que o da escola, que é colaborar na formação das pessoas de forma que tenham elementos suficientes para a leitura do mundo, possibilitando sua atuação para melhorá-la.

Assim, de acordo com Vago (2009), a escola tem o potencial de mediar a relação dos estudantes com os conhecimentos, permitindo que estes incorporem suas próprias experiências e perspectivas na construção do saber. Essa abordagem ressalta a importância de os estudantes serem protagonistas na transformação da realidade, utilizando o conhecimento adquirido não apenas para seu enriquecimento pessoal, mas também para o embelezamento da experiência humana e a contestação das mazelas sociais que a empobrecem.

De acordo com Alves (2006) a Educação Física é um componente essencial da educação e desempenha um papel fundamental na formação de cada criança, devendo ser abordada de maneira a enfrentar as contradições presentes na sociedade de classes desiguais em que vivemos. Por isso, concordamos com Abrantes e Eidt (2019, p.3) quando dizem que:

o processo de conhecer e atuar pedagogicamente em momentos particulares do desenvolvimento psíquico orienta-se pela tarefa coletiva de transformar as relações sociais no sentido de formar pessoas, agindo no processo histórico de luta em direção à libertação humana.

A educação física escolar pode possibilitar ao aluno o acesso a novas experiências, devido a sua relação entre o corpo e sua posição determinante nas explicações sobre a realidade concreta, que é influenciada pelos determinantes históricos-sociais.

Para isso, é importante que o professor esteja atento em desenvolver no seu aluno competências básicas que propiciem sua atuação direta na sociedade, de forma a contribuir na transformação dos espaços que frequenta e atua.

Assim, uma escola será tão mais democrática quanto mais ela propiciar aos seus alunos as competências para intervirem, mais tarde, naqueles espaços onde suas vidas sociais e individuais se decidem. (Brayner, 2018 apud Fensterseifer, González, 2018, p.6)

Isso só será possível através das experiências disruptivas que o professor deve possibilitar ao aluno, para que compreenda o papel das suas ações para consecução de suas necessidades. Por isso, concordamos com Abrantes e Eidt (2019, p. 16) quando dizem que “a prática educativa se orienta para a promoção de mudanças evolutivas determinadas pelo ensino, de modo que novos aprendizados se acumulem e garantam rupturas qualitativas na forma como a criança se relaciona com a realidade”.

Diante disso, não podemos deixar de exercer a nossa principal função nesse processo de formação do estudante, que é colaborar no acúmulo de experiências que possibilitem-no, (re) significar os espaços que frequenta saberes locais atuar, de forma consciente e intencional, nos espaços através de atividades que possam ser percebidas como significantes.

Portanto, é necessário que o Professor de Educação Física supere os modelos pedagógicos que normalizam processos e mostre ao estudante a importância de atividades que possibilitem experiências (des) construtivas do Ser em uma realidade social. “Por isso precisamos buscar referenciais e experiências que busquem romper com essa lógica para que possamos construir nossas práticas pedagógicas de forma diferenciada”. (Bins, 2019).

Com isso, ao elaborar uma proposta pedagógica que tenha como eixo central a reflexão sobre as principais manifestações da cultura afro-brasileira de Quissamã e sua interligação com a Educação Física representa um processo de ruptura com paradigmas estabelecidos e a possibilidade de trazer novas experiências ao aprendizado do estudante.

Um primeiro paradigma está relacionado à Educação Física como prática esportiva, a qual durante muitos anos ocupou um lugar central no trabalho pedagógico dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Quissamã. Segundo Novaes (2023):

Isso ocorria devido à natureza do trabalho pedagógico do professor de Educação Física, que frequentemente se encontrava vinculado ao desenvolvimento de atividades esportivas no contexto escolar. Na maioria dos casos, o professor estava concentrado em aprimorar os aspectos técnicos dos esportes, demandando que os alunos adquirissem habilidades motoras para participar do evento de culminância da Educação Física daquela época. O segundo paradigma diz respeito à dificuldade da comunidade escolar em reconhecer a Educação Física como uma disciplina capaz de contribuir efetivamente para o processo de formação dos estudantes.

Durante o primeiro encontro-formativo para a construção dessa proposta pedagógica com a equipe técnico-pedagógica da unidade escolar, foi observado que os participantes não tinham conhecimento de que a educação física poderia abordar questões culturais em suas aulas.

Ao explicar os motivos que fundamentam a relação das manifestações da cultura afro-brasileira encontradas na cidade de Quissamã com as aulas de educação física, percebi que todos os presentes começaram a questionar: "Por que nunca pedimos aos professores de educação física que incorporassem a cultura local em suas aulas?"

“E aí a gente vai lá na BNCC, e nós falamos tanto de (trecho inaudível), tanto de cultura, e eu só via arte. Eu nunca pensei em falar com os professores de educação física. A gente ficava falando, vamos inserir jogos, vamos fazer isso, fazer aquilo e hora nenhuma tentamos aproveitar!” (Ana Thereza, 2023)

“à orientação para o currículo de Educação Física na rede perpassava apenas pelo eixo esportivo. Naquela época, ainda sob influência da extinta coordenação de área, os conteúdos de educação física para os alunos dos anos finais do ensino fundamental eram: atletismo [1º Bimestre], Voleibol [2º Bimestre], handebol [3º Bimestre] e Futsal [4º Bimestre].”

O terceiro paradigma aborda a (co)responsabilidade institucional, pedagógica, social e humana dos profissionais envolvidos no processo formativo. Auxiliar um estudante em seu processo de formação é proporcionar-lhe acesso a diversas experiências disruptivas que o ajudem a compreender e aplicar os diversos saberes em seu cotidiano.

Assim, (re)conhecer e experimentar as principais manifestações da cultura afro-brasileira encontradas no município de Quissamã é a possibilidade dos estudantes compreenderem que fazem parte dessa história, possibilitando-lhes desconstruir a história que lhes -

foi contada, para construírem a sua história, através do conhecimento.

Durante um encontro-formativo com a equipe da COGEP para a construção dessa proposta pedagógica, estávamos conversando sobre a dificuldade de encontrar materiais que possibilitassem o desenvolvimento de conteúdos da cultura afro-brasileira. Como justificativa, obtive a seguinte resposta:

Podemos observar que encontramos um dilema nessa resposta. Por um lado, se não tem material específico para o desenvolvimento de atividades da cultura afro-brasileira, o motivo é do professor. Por outro lado, a secretaria de educação, através das suas coordenadorias, não deveria estimular essas práticas através da disponibilidade desses materiais? “Porém, por falta de conhecimento por parte dos profissionais ou por ser mais cômodo trabalhar com os conteúdos que dominam, os profissionais acabam ignorando o ensino da cultura afro-brasileira no currículo da Educação Física”. (Granato; Pellanda, 2014, p.26).

"e acaba também Marçilon, que mesmo quando o professor de Educação Física vai pedir material, ele também não coloca, (...) Ninguém pede, né!? Que acha que é só a parte esportiva mesmo" (COGEP, 2023).

Portanto, ao trazer para reflexão a importância de se trabalhar esse conteúdo na Educação Física e principalmente na escola, é essencial ressaltar que todos os profissionais envolvidos no processo formativo dos estudantes têm corresponsabilidades, as quais estão diretamente relacionadas à legislação vigente, ao entendimento do contexto local em que a escola está inserida e, principalmente, ao reconhecimento da escola como um espaço de reflexão das principais tensões envolvendo a inserção dessa temática.

Nesse sentido, é fundamental que os profissionais envolvidos no processo formativo dos estudantes, em especial na área da Educação Física, conheçam e compreendam as legislações vigentes relacionadas às relações étnico-raciais. A Lei 10.639/03, por exemplo, que incluiu no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", é um marco importante nesse contexto. O conhecimento e respeito a essas legislações são essenciais para garantir a efetiva promoção da igualdade racial, o combate ao racismo e a valorização da diversidade cultural presente em nossa sociedade.

De acordo com Crelier e Silva (2019), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) foi modificada em 2003 para tornar obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira, em resposta à constatação do silenciamento e da negação dessa temática em todos os níveis de ensino.

Nesse contexto, a Lei nº 10.639/03 surgiu como um marco importante no Brasil, ao inserir a história e a cultura afro-brasileira nos currículos escolares. “Tal lei reforça a luta a favor da valorização e reconhecimento da Cultura Afro-Brasileira trazendo a obrigatoriedade do trato da cultura e arte dos conteúdos afro-brasileiros no currículo escolar da Educação Básica” (Lima; Brasileiro, 2020).

Esta legislação representou um avanço significativo ao reconhecer e valorizar a contribuição do povo negro para a formação da sociedade brasileira, bem como ao combater o racismo e promover a igualdade racial no país. Portanto, a implementação efetiva dessa lei requer o envolvimento de todos os profissionais da educação, que têm a corresponsabilidade de garantir sua efetivação.

De acordo com Lima e Brasileiro (2020) a implementação crítica da Lei 10.639/03 é fundamental para combater o racismo e promover a igualdade racial, reconhecendo a contribuição histórica e cultural do povo negro na formação da sociedade brasileira. Uma aplicação não crítica dessa legislação, por outro lado, pode reforçar estereótipos e preconceitos, realimentando concepções equivocadas sobre a cultura africana e afro-brasileira.

Assim, é imprescindível o engajamento dos profissionais da educação, de forma reflexiva, na efetivação da lei, garantindo uma educação mais inclusiva e diversa.

Por isso, concordamos com Lima e Brasileiro (2020, p.10), quando dizem que a Educação Física tem a responsabilidade de promover o debate científico sobre a Cultura Afro-Brasileira, uma vez que a área se compromete a intervir e transformar a realidade em seus diversos contextos de atuação. Essa atuação contribui, portanto, para uma perspectiva democrática na formação humana.

Nesse contexto, ao abordar a temática étnico-racial na Educação Física e na escola como um todo, não se trata apenas de seguir uma norma legal, mas sim de fazer uma escolha política de valorização das culturas afro-brasileira e africana. Essa decisão política reflete um compromisso com uma educação mais inclusiva e diversa, que reconhece e valoriza a diversidade cultural do país. Dessa forma, concordamos com Lima e Brasileiro (2020) quando afirmam que analisar as relações étnico-raciais no campo da Educação Física é, antes de tudo, uma escolha política que vai de encontro a todo movimento social de exclusão.

Além disso, as leis desempenham um papel fundamental na promoção de transformações sociais. No entanto, é necessário mais do que simplesmente compreendê-las intelectualmente. Para que as mudanças propostas pelas leis sejam efetivas, é crucial que sejam incorporadas em nossa vida cotidiana. Isso implica em sentir na pele as consequências das leis, adotar as ações necessárias para implementá-las e fazer uso prático delas. A internalização das leis não é suficiente; é preciso vivenciá-las e aplicá-las em nossa realidade para que exerçam seu verdadeiro impacto transformador.

Diante desse contexto, concordamos com Crelier e Silva (2019) quando afirmam que a importância das leis para promover mudanças vai além da simples compreensão intelectual. É essencial que essas mudanças sejam experimentadas e aplicadas em nossas vidas diárias. Não basta apenas entender as leis; é preciso vivenciá-las e colocá-las em prática.

Além disso, a integração das políticas educacionais à prática pedagógica da escola é fundamental. Os professores devem ser capazes de discutir e compreender o significado dessas políticas no contexto de seu trabalho pedagógico, bem como na construção das relações sociais e culturais dentro da comunidade escolar. Por isso, concordamos com Pires (2015, p.202), quando diz que as:

políticas educacionais devem estar inseridas na organização do trabalho pedagógico da escola, de modo que os professores consigam discutir e entender os seus significados no processo do próprio trabalho pedagógico, como também no processo de construção das relações sociais e culturais.

Considerando essa perspectiva, a contextualização e a discussão coletiva dos documentos escolares são fundamentais para proporcionar aos professores a formação adequada sobre a temática em questão. Isso implica em um processo de reflexão e diálogo entre os profissionais da educação, visando a compreensão profunda das questões étnico-raciais e a adoção de práticas pedagógicas contextualizadas.

Segundo Denardi e Pereira Filho (2023), abordar as culturas afro-brasileira e indígena nas escolas é uma responsabilidade nacional urgente. Essa abordagem é essencial para garantir uma educação reflexiva e crítica, que possibilite aos alunos se

aproximarem e se identificarem com essas culturas. Isso contribui para conscientizá-los sobre a construção de uma sociedade mais equitativa, humanitária e democrática.

De acordo com Santos, Bona e Torriglia (2020), é importante destacar que simples atividades isoladas dentro das aulas de Educação Física não são suficientes para tratar da cultura afro-brasileira. É necessário um planejamento de aula que incorpore diferentes processos de apropriação de conhecimento, indo além da realização das atividades propostas pelo professor. Esse enfoque mais abrangente permite uma abordagem mais profunda e significativa da cultura afro-brasileira.

Planejar, nesse sentido, envolve não apenas o desenvolvimento de atividades dentro das salas de aula convencionais, mas também o reconhecimento dos espaços urbanos como extensão da escola. É fundamental ampliar os horizontes e explorar esses ambientes como parte integrante do processo educacional, enriquecendo-o com experiências significativas.

Ao sairmos dos muros da escola, ampliamos as oportunidades de aprendizado, possibilitando uma conexão mais profunda com a comunidade e seu entorno. Nesse contexto, a cidade de Quissamã se torna não apenas o cenário, mas também o recurso pedagógico, oferecendo experiências enriquecedoras que complementam o currículo escolar.

Por isso concordamos com Gomes (2021) quando diz que, “a educação não tem de ocorrer exclusivamente em espaços formais como a escola, ela pode resultar das mais diversas experiências vivenciadas pelos indivíduos nos diferentes espaços da cidade”.

Desse modo, cada passo dado em Quissamã revela-se uma jornada rica em significados, onde os elementos urbanos e naturais entrelaçam-se para “apresentar-se como um recurso fundamental para o ensino da História e, de um modo geral, para a educação e formação integral dos jovens”. (Gomes,2021)

E ao trazer esses elementos para contextualização nas aulas de Educação Física, através de uma ação cultural de reconhecimento desses territórios como constituintes de uma história de luta e resistência, pretendemos auxiliar os estudantes a compreenderem que os territórios da cidade precisam ser ressignificados e apropriados, tendo as principais manifestações da cultura afro-brasileira encontradas em Quissamã como catalisadores de todo esse processo.

Por isso, ao colocarmos a cidade e os elementos que a constituem em nosso planejamento, estamos reconhecendo-a “sob o ponto de vista da educação, portanto, como um espaço de construção de saberes, conhecimentos, atitudes e valores” (Gomes, 2021).

Quando voltamos nosso olhar para o passado de Quissamã, percebemos nas manifestações da cultura afro-brasileira uma rica oportunidade pedagógica. Essas manifestações nos convidam a valorizar e reconhecer os povos que resistiram e contribuíram para a construção dos laços históricos presentes em cada edificação encontrada no município.

Segundo Fernandes (2017), ao fazermos essa retrospectiva, olhando para o passado, perspectivando o presente, estamos possibilitando a todos vivenciarem e experimentarem as manifestações culturais que remetem a um passado distante. O jongo ou o tambor, por exemplo, geram debates sobre suas denominações em Quissamã, mas são expressões que estão intimamente ligadas à comunidade de remanescentes de quilombo de Machadinho e que já foram difundidas por muitas comunidades rurais locais, onde a escravidão e a cultura afrodescendente tiveram um papel significativo. O fado, por sua vez, é uma dança de salão que mescla elementos culturais de origem portuguesa e africana. Além dessas expressões, há outras manifestações de caráter imaterial, como o boi malhadinho, a Banda

União Quissamaense, o artesanato em taboa praticado em Barra do Furado, entre outras, que contribuem para formar um cenário que, à primeira vista, parece estar congelado no tempo, mas que revela uma riqueza cultural em constante evolução.

Ao considerarmos as manifestações culturais afro-brasileiras encontradas em Quissamã como expressões que guardam e expressam os sentimentos humanos, percebemos que estão enraizadas em valores éticos e estéticos que refletem maneiras de vivenciar o tempo e o espaço. Essas manifestações são parte do patrimônio cultural imaterial da humanidade, sendo constitutivas da história e da identidade cultural do local.

Nesse contexto, a Educação Física se destaca como um espaço privilegiado para vivenciar e produzir essa cultura, proporcionando experiências afetivas, lúdicas e estéticas que enriquecem a compreensão do mundo e a ação nele. Ao integrar essas práticas culturais ao seu currículo, a Educação Física não apenas contribui para a valorização da cultura afro-brasileira, mas também para a formação integral dos estudantes, promovendo uma educação que se conecta com as dimensões históricas, sociais e culturais da comunidade.

A intervenção pedagógica do professor é fundamental diante dessas manifestações culturais, pois representa uma rica possibilidade de formação cultural para os alunos.

De acordo com Vago (2009) o papel do professor é essencial, pois ele pode adotar duas estratégias complementares. A primeira consiste em organizar o ensino de modo que os alunos tenham acesso às práticas culturais, garantindo o direito de usufruir desse patrimônio que pertence a todos. A segunda estratégia é incentivar os alunos a compreenderem, criticarem e atribuírem novos significados a essas práticas, baseando-se em valores como igualdade de oportunidades, respeito, troca solidária, cooperação e partilha de afetos. É importante também que o professor esteja atento ao fato de que a realização dessas atividades pode envolver tensões, conflitos, exclusão, discriminação e preconceitos, os quais podem ser transformados em momentos de aprendizagem significativa.

É nesse momento que surge outra (co) responsabilidade dos profissionais envolvidos no processo formativo dos estudantes: contextualizar essas tensões, de modo que a "Educação Física conduza à reflexão sobre o corpo e o poder, desvelando até que ponto essas relações influenciaram na produção de estereótipos racistas." (Silva e Moreira, 2010).

Segundo esses autores, é fundamental problematizar as percepções e identificações relacionadas ao corpo e ao movimento, especialmente em uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais e raciais. Essas percepções foram historicamente moldadas por ideologias de branqueamento, que valorizavam a cor da pele e um ideal de corpo e aparência associados à branquitude. Esse contexto dificulta a incorporação de valores identitários e estéticos das culturas negra e indígena como elementos enriquecedores do processo civilizatório. Portanto, é necessário considerar o corpo não apenas como um aspecto biológico ou mecânico, mas como um componente cultural e étnico-racial, com identidades e significados que transcendem a simples corporeidade.

De acordo com Castro (2017) o professor deve ter plena consciência de seu papel, trabalhando para desmistificar as ideologias racistas presentes no senso comum. Ele deve orientar seus alunos a uma nova compreensão das questões raciais, buscando transformar suas consciências e promovendo o reconhecimento e o respeito às diferenças.

Assim, é de suma importância que o docente possua uma clara definição de seu propósito primordial ao abordar conteúdos específicos, pressupondo, assim, uma conscientização de seus objetivos educacionais.

Nesse contexto, compartilhamos da perspectiva de Moreira (2018), que argumenta que ações desprovidas de direcionamento e desvinculadas da realidade e do projeto educacional da instituição não acrescentam significativamente ao processo de formação do estudante.

Em virtude da necessidade de uma abordagem renovada no que diz respeito à forma como os docentes conduzem essas atividades pedagógicas, tornou-se imprescindível a construção coletiva de um novo enfoque.

Assim, este trabalho teve como um dos objetivos principais a construção colaborativa de uma apresentação cultural que tematizasse as manifestações culturais afro-brasileiras encontradas no município de Quissamã e experienciadas pelos estudantes, assim como colaborar para construção de um projeto que fosse capaz de contribuir no aprimoramento da escola e da Educação Física e que auxiliassem os estudantes a novas experiências disruptivas.

De acordo com Gonçalves, Nascimento e Alberto (2019) essa abordagem, que busca uma prática educativa comprometida com a diversidade e com o reconhecimento das expressões sociais e culturais de grupos historicamente marginalizados, está perfeitamente alinhada com a inclusão da cultura afro-brasileira no contexto das aulas de Educação Física.

Nesse contexto, o diálogo e a participação desempenharam papéis fundamentais como os eixos orientadores de todo o processo de trabalho. Por isso, concordamos com Saul e Silva (2009) quando dizem que “o diálogo entre os conhecimentos possibilita a construção coletiva de uma educação popular voltada para a construção da cidadania”.

Por isso, ao colocarmos as manifestações da cultura afro-brasileira como conteúdo central de nossos encontros, temos em mente que “os conhecimentos são construídos historicamente e a forma como o tratamos reflete não só a nossa concepção de Educação Física escolar, mas também nossa concepção de formação e de sociedade”. (Alves, 2006, p.135).

Granato e Pellanda (2014) destacam a necessidade evidente de desenvolver uma proposta pedagógica nas escolas que estimule nos estudantes uma formação crítica e autônoma sobre o assunto. Eles argumentam que a escola reflete os conflitos e contradições presentes na sociedade, reforçando a importância de um ensino que promova o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes.

Por isso, no tópico a seguir, iremos elencar que projeto educacional queríamos construir ao iniciar essa temática em nossos encontros.

CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA PROPOSTA EDUCACIONAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA QUISSAMAENSE

A cidade de Quissamã possui em seu território a comunidade de Machadinha, que foi reconhecida como remanescente de quilombo, em 2006, e todo um complexo cultural que fala sobre os povos que formaram aquela terra.

De acordo com Nascimento e Abib (2017, p.203) as comunidades quilombolas têm sido historicamente marcadas por contextos de resistência e lutas pela preservação do território, identidade e cultura. A concepção de território para essas comunidades transcende a mera ideia de propriedade, que é uma visão ocidentalizada e utilitarista da relação com a terra. Para elas, o território é um conceito complexo, que engloba uma série de representações relacionadas à ancestralidade, aos usos da terra, às memórias e à coletividade. de Jurubatiba).

Para esses autores, as manifestações culturais desempenham um papel fundamental na preservação da identidade e da cultura afrodescendente nas comunidades quilombolas. Através dessas manifestações, é possível compreender os processos de construção identitária desses grupos sociais, destacando a importância de valorizar e preservar suas expressões culturais.

Por isso, ao falarmos de Quissamã, falaremos de uma cidade que mantém na sua história e nos territórios de resistência que a compõem, uma possibilidade de ajudar a todos os estudantes entenderem que, “a permanência dos valores civilizatórios africanos guarda a conectividade entre diferentes gerações, passando de tempos em tempos e dá sustentação à identidade do grupo” (Nascimento e Abib, 2017).

2 - Tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC) em 1977, o complexo composto pelas senzalas, pela casa grande e pela capela de Nossa Senhora do Patrocínio só ganhou maior atenção nos últimos anos noventa. Nesse momento a prefeitura municipal interveio e é construído um posto de saúde, uma escola de ensino fundamental, ambos somando-se ao campo de futebol. (Machado, 2005, p. 29).

Segundo Lima e Colchete Filho, em Quissamã está presente o maior complexo de lagoas e lagunas do estado do Rio de Janeiro, juntamente com o segundo maior canal artificial do mundo, com aproximadamente 105 km de percurso: o Canal Campos-Macaé, que tem seu início na Lagoa Feia, passando pelo município de Quissamã, pelo Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, onde está um complexo de 14 lagoas, desembocando no município de Macaé. O Canal apresenta, ora em meio à vegetação rasteira, com uma vista panorâmica do todo, ora pela vista dos monumentos históricos, que ao fundo se igualam a verdadeiras obras de arte e, ora pela vegetação fechada e em seu estado mais natural e preservado, tanto da flora quanto da fauna (nos limites do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba).

O Canal Campos-Macaé, além de sua grandiosidade e importância histórica, carrega consigo a marca da mão de obra escrava que o construiu. De acordo com registros históricos, foi aberto pelas mãos de pessoas negras escravizadas, um fato muitas vezes omitido ou pouco conhecido. Essa informação ressalta a importância de reconhecer e homenagear as mãos escravizadas que contribuíram para a construção dessa obra monumental, bem como valorizar toda a riqueza cultural presente nesse contexto histórico.

Em visita aos murais pintados nos muros do clube recreativo, a pesquisadora e idealizadora desses painéis enfatizou essa questão com os estudantes, ao apresentar o painel representativo sobre o canal Campos-Macaé.

“Canal Campos-Macaé. Ele é considerado o segundo maior canal aberto pela mão humana no mundo, aberto pela mão de obra de pessoas negras escravizadas. Então, essa artista, ela buscou essa representação pra colocar aqui no muro do clube, que é uma homenagem às mãos escravizadas que abriram esse canal e tudo mais de cultura que a gente tem representado dentro desse contexto, inclusive a presença indígena”. (Marta, 2023)

Esses locais podem contribuir significativamente para a formação dos estudantes, desde que todos os envolvidos no processo formativo compreendam sua importância e iniciem um processo de ressignificação. Não podemos mais utilizá-los apenas para comemorar datas específicas ou para visitação superficial, como mencionado pela orientadora pedagógica da unidade escolar onde este trabalho teve início.

Por isso, esse trabalho vem desconstruir essa concepção, de forma a viabilizar uma proposta pedagógica que auxilie professores, estudantes e todos os envolvidos no processo formativo, a se apropriarem dos espaços de aprendizagem não formais da cidade.

Essa apropriação parte do pressuposto de que é fundamental lembrar cotidianamente que esses espaços foram construídos e erguidos a partir de muita luta e resistência dos negros e indígenas que habitavam as terras que hoje compreendem a cidade de Quissamã. Isso fica evidente durante nossos encontros-formativos, quando uma estudante compreende a importância do negro para a constituição de nossa cidade, escrevendo o seguinte:

“Os negros trabalharam muito para conseguir um sustento, eles passavam dias e noites com enxadas na mão para conseguir uma vida melhor. Temos que sermos gratos a eles porque se estamos aqui hoje conhecendo essas culturas e podendo compartilhá-las, foi por causa da luta deles. (Thamiris Vitória, 2023).

E vai ser uma forma, porque assim: essa abordagem é feita de maneira muito superficial. O que acontece aqui as vezes. Ah, vamos fazer... levar alguns alunos ali na Machadinha, né!? E fica muito na superficialidade, né!? E nas datas comemorativas (Alba Valéria, 2023)

Dentro deste contexto, a disciplina de Educação Física desempenha um papel primordial nesse processo de apropriação crítica desses espaços, ao promover outras leituras sobre o corpo negro e a educação. Segundo Pinto, Macamo e Azevedo (2019), a escola é um espaço para a reflexão prática e pedagógica sobre a importância das manifestações culturais afro-brasileiras como parte integrante da identidade nacional, reconhecendo o corpo negro como agente central nesse processo. Ao incluir o corpo

negro nos currículos, não só estamos promovendo a equidade e a representatividade, mas também contribuindo para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, que durante muitos anos foi, segundo Mattos e Monteiro (2021, p.4), o pensamento hegemônico que norteou as concepções curriculares em nosso país; um currículo excludente que desvaloriza as contribuições dos signos e linguagens oriundas da cultura africana, própria dos corpos afrodescendentes no Brasil.

A inclusão dessas formas expressivas da cultura nos currículos, conforme destacado por Mattos e Monteiro (2021), contribui significativamente para uma educação mais inclusiva e democrática, especialmente ao considerar a realidade dos grupos populacionais historicamente subalternizados. Ao reconhecer e valorizar essas manifestações culturais, as escolas públicas podem promover uma maior representatividade e equidade, desconstruindo estereótipos e preconceitos, e proporcionando uma educação mais alinhada com a diversidade cultural e social do país.

Segundo Mattos e Monteiro (2021), os currículos adotados no Brasil, de origem europeia, procuraram criar um modelo de sociedade que valorizasse os padrões e comportamentos europeus, reprimindo a liberdade de crianças e jovens negros em prol de um projeto civilizatório. A escola, como espaço privilegiado de formação, discriminou e excluiu os negros, tratando-os de forma desumana e valorizando apenas a cultura branca.

Para esses autores, destaca-se a construção de um pensamento hegemônico que orientou as concepções curriculares no Brasil, resultando em um currículo excludente. Esse currículo desvaloriza as contribuições dos símbolos e expressões culturais originados da cultura africana, que são parte integrante da identidade dos afrodescendentes no país. Essa abordagem curricular negligência a diversidade cultural presente na sociedade brasileira, perpetuando assim a exclusão e a marginalização das culturas não eurocêntricas.

Portanto, torna-se urgente a (re) construção de um projeto educacional que coloque a cultura afro-brasileira em seu cerne. Por isso, concordamos com Abib (2019), quando diz que para se estabelecer um projeto de educação emancipador, deve-se estabelecer um amplo e profundo debate com os saberes historicamente silenciados, proveniente das experiências dos povos subalternizados pelos processos de colonização na América Latina, sobretudo dos povos indígenas originários dessas terras e dos povos escravizados vindos da África.

Considerando esse contexto, é importante a união de todos os profissionais envolvidos no processo formativo para se criar um currículo insurgente, onde a Cultura afro-brasileira esteja presente e seja o grande mobilizador da aprendizagem. Por isso concordamos com Mattos e Monteiro (2021, p.7), quando dizem que:

Para Abib (2019), as manifestações afro-brasileiras são terrenos de luta onde memórias, tradições e identidades se destacam, demarcando posições e ampliando vozes em busca de reconhecimento e autonomia frente à cultura hegemônica. Grupos e comunidades se fortalecem ao reivindicar suas identidades e direitos sociais por meio dessas práticas tradicionais, guiadas pela ancestralidade que mantém viva a história e a memória desses povos. Assim, as manifestações culturais afro-brasileiras tornam-se expressões potentes dos povos colonizados, despertando consciência sobre sua história, alteridade, identidade e modos de existir no mundo.

[...] o diálogo com educadoras e educadores para que possamos colaborar com a criação de um currículo insurgente representativo e contemplador de grande parte da população que não enxerga sua história contada pelos livros didáticos de forma positiva e, especialmente, pelos manuais da Educação Física, que basicamente nunca ofereceram ao corpo negro um lugar em sua história no Brasil [...].

Por isso, queremos construir um projeto que questione o papel que durante muitos anos foi dado a cultura afro-brasileira, de subalterna, as vezes menosprezando o conhecimento produzido por esses grupos, “não tratando-os como conhecimentos válidos no âmbito da escola”. (Abib, 2019, p.10)

Segundo Nascimento e Abib (2017) a negação histórica do legado sociocultural da comunidade negra na construção da identidade do país ainda persiste, refletindo-se nos processos de desqualificação e preconceito em relação às manifestações, usos e saberes culturais de raiz africana, como evidenciado nos discursos atuais em diversos espaços sociais.

Por isso Abib (2019) ressalta a importância da construção de um projeto de emancipação epistêmica, onde coexistam diferentes epistêmes ou formas de produção de conhecimento entre intelectuais, tanto na academia quanto nos movimentos sociais. Esse projeto destaca a questão da geopolítica do conhecimento, visando dar visibilidade aos saberes silenciados pelo processo de colonização, especialmente através da educação. Essa visão enfatiza a necessidade de valorizar e integrar os conhecimentos historicamente marginalizados.

A proposta educacional deste trabalho parte do pressuposto de que é fundamental valorizar a cultura afro-brasileira na Educação Física escolar, especialmente em Quissamã. Nesse contexto, a cidade oferece diversos espaços que podem ser ressignificados pela ação direta do professor, associando esses locais ao processo de construção cultural pelos corpos negros que historicamente contribuíram e ainda contribuem para a formação desses espaços cotidianos.

Nesse sentido, buscamos ressignificar espaços que carregam consigo a história da mão de obra escrava como fontes de saberes ricos e profundos, destacando a importância de integrá-los de forma significativa nos currículos escolares.

Em um contexto em que as manifestações culturais afro-brasileiras ainda sofrem discriminações e 'folclorizações', é urgente promover uma inclusão mais substantiva desses elementos nos currículos escolares, principalmente nas escolas públicas.

Este projeto não apenas busca equidade e representatividade, mas também visa desconstruir estereótipos e promover uma educação mais inclusiva e democrática, alinhada com a diversidade cultural e social, “contribuindo para uma inclusão mais substantiva dos jovens negros e pobres nas escolas, sobretudo nas escolas públicas” (Mattos e Monteiro, 2021, p.2).

Para conseguirmos construir este projeto educacional, elaboramos com os estudantes participantes desta pesquisa uma apresentação cultural sobre as manifestações da cultura afro-brasileira encontradas no município de Quissamã.

Devido aos desdobramentos e repercussões que esse projeto foi tendo ao longo do seu desenvolvimento, acabou se transformando em um grande festival, no qual toda a comunidade, interna e externa, pôde celebrar essas manifestações, através de uma releitura feita pelos estudantes.

A seguir, explicaremos como esse projeto foi se desdobrando e transformando-se em uma experiência enriquecedora para os estudantes, mas também contribuiu para a conscientização e valorização da diversidade cultural presente em Quissamã.

METODOLOGIA

A presente proposta pedagógica foi desenvolvida com uma turma do 8º ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, com aproximadamente 24 estudantes, de uma escola pública do município de Quissamã, região norte fluminense do estado do rio de janeiro e recebeu a aprovação do comitê em ética em pesquisa (CEP) do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEFD-UFES) com registro número 66107322.7.0000.5542, obtendo parecer favorável com registro sob o número 6.003.775.

Para desenvolver essa não poderíamos deixar de falar sobre as metodologias participantes, que segundo Oliveira e Oliveira (1985) apud Rocha (2003), esse tipo de metodologia possibilita uma mudança na postura do pesquisador e dos pesquisados, tendo em vista que ambos são responsáveis pelo diagnóstico de situações problema e possíveis alternativas para solucioná-las.

Mas não estamos falando apenas de uma pesquisa onde o pesquisador terá uma função de partícipe do processo, pois segundo Thiollent (2011, p.21), esse tipo de pesquisa possibilita ao pesquisador uma identificação com os valores e comportamentos de determinados grupos, de forma a serem mais bem aceitos, não necessariamente associadas com algum tipo de ação.

Devido a isso, durante o percurso metodológico, utilizaremos os princípios da pesquisa-ação, que segundo Thiollent (2011, p.21) uma pesquisa para ser qualificada como pesquisa-ação precisa ter pessoas ou grupos envolvidos na construção de uma ação, e ela não seja uma ação não trivial.

Alinhado a pesquisa ação, utilizaremos o planejamento participativo, para construção, desenvolvimento e avaliação de todo o processo envolvido na construção colaborativa do projeto de pesquisa. Por isso, concordamos com Dálmas (2014) quando ele diz que:

Para desenvolver essa proposta pedagógica, escolhemos uma estruturação em fases, pois permitiu uma abordagem dinâmica e flexível, refletindo a natureza mutável e adaptável do processo educativo. Cada fase foi concebida como um componente essencial, embora sejam delineadas fases distintas, nenhuma delas foi mais importante que a outra. Cada fase foi uma peça integral e interdependente do todo, contribuindo para a formação de uma totalidade significativa. A colaboração entre as fases foi a essência do projeto, onde as experiências práticas nas fases iniciais alimentaram as reflexões nas fases subsequentes, gerando um ciclo contínuo de aprendizado



A participação da comunidade na preparação, na elaboração do planejamento, em sua execução, e em seu resultado é corresponsável e de comunhão. Este modelo é o ideal de planejamento de participação e gestão. Só assim poderá acontecer participação comunitária para a transformação social em favor da justiça, da fraternidade e libertação total (Dálmas, 2014, p.26-27)



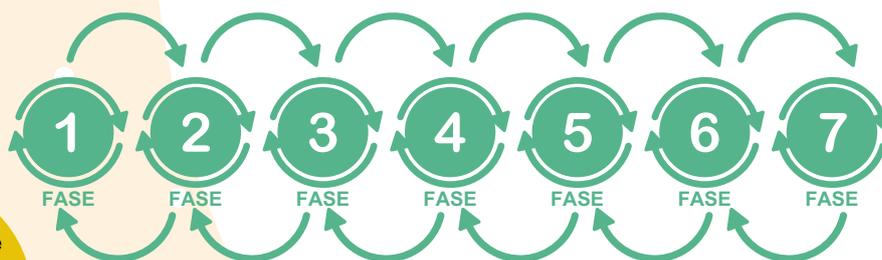


Figura 1 – Ciclo de desenvolvimento da proposta educacional. **Fonte:** Elaborado pela Autor (2024)

A fase inicial desta pesquisa desempenhou um papel fundamental ao promover um diálogo aberto e colaborativo com a equipe técnico-pedagógica da escola, a Coordenação de Gestão Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Quissamã (COGEP) e os responsáveis legais pelos estudantes. Durante os encontros, não apenas compartilhamos nossa visão, mas também buscamos ativamente envolvê-los na construção de uma proposta pedagógica centrada nas manifestações da cultura afro-brasileira, especificamente voltada para a disciplina de Educação Física.

Na tabela abaixo, é possível observar as datas e os grupos que participaram do encontro-formativo.

Data	Encontro Formativo	Grupo
28/03/2023	1º	Grupo Técnico-Pedagógico da Escola
10/04/2023	1º	COGEP
18/04/2023	1º	Professores da Unidade Escolar
26/04/2023	1º	Responsáveis

A segunda fase deste projeto foi planejada para proporcionar aos estudantes uma imersão significativa nas riquezas da cultura afro-brasileira de Quissamã, por meio de encontros e saídas formativas. Ao final das visitas, os estudantes foram desafiados a construir uma sequência didática com base na manifestação da cultura afro-brasileira escolhida por eles, a partir dos documentários produzidos sobre cada uma das manifestações vivenciadas.

Quadro 1 - Encontros para alinhamento da proposta educacional **Fonte:** Elaborado pela Autor (2024)

Para conhecer as manifestações da cultura afro-brasileira, os estudantes foram levados a visitar os murais pintados nos muros do Clube Recreativo de Quissamã (CRQ). Para explicar sobre os painéis, convidamos Marta Medeiros, idealizadora dos murais e ex-diretora do Museu Casa Quissamã. Após essa primeira saída-formativa, os estudantes visitaram cada uma dessas manifestações nos locais onde elas acontecem. Através das figuras abaixo é possível observar as manifestações retratadas nos murais do CRQ.



JONGO



FADO



BOI MALHADINHO

Figura 2 - Painéis das manifestações da cultura afro-brasileira de Quissamã. **Fonte:** Elaborado pela Autor (2024)

Durante a explicação sobre o painel que representa o Jongo, Marta Medeiros (2023), enfatizou que o jongo tinha em várias fazendas de Quissamã (Santa Francisca, Mantiqueira, Machadinha e Floresta) e hoje encontramos apenas na fazenda machadinha e que antes de ser chamado de jongo, as pessoas conheciam por tambor, como pode ser observado por sua fala:

De acordo com Ribeiro (1984) apud Costa e Fonseca (2019), o jongo é uma expressão cultural de origem africana que remonta ao período colonial, sendo praticado pelos negros nos terreiros das fazendas na região produtora de cana-de-açúcar do Sudeste brasileiro. Além de suas raízes religiosas, o jongo servia como forma de expressão das angústias dos escravizados, bem como para planejamento de revoltas e fugas, além de ser utilizado em celebrações e festas.

A gente tinha jongo em várias fazendas aqui de Quissamã. Hoje, a gente só tem na Machadinha, em alguns lugares. A gente já não vê mais jongo em Quissamã. Era chamado de tambor, né? O nosso jongo passou a ser chamado dessa maneira. O nosso tambor passou a ser chamado de tambor de dois mil e cinco pra cá. Antes de dois mil e cinco, era chamado de tambor. Ai tinha tambor na Santa Francisca, na Mantiqueira, na Machadinha, em Floresta. Eram lugares de tambores muito animados.

No painel representativo do Fado, Marta Medeiros enfatizou que é uma dança de origem afro-brasileira, com movimentos típicos dos séculos XVIII e XIX e que eram discriminados devido aos movimentos de quadril executados durante a dança, conforme sua fala:

“A dança do fado é uma dança de origem (...) afro-brasileira. A matriz africana dela ainda mantém alguns movimentos da dança que a gente tinha lá atrás século dezenove, século dezoito, que são os movimentos de quadril, principalmente quadril que as mulheres fazem enquanto dançam que é um movimento, é que ainda no nosso Brasil colonial ele era muito discriminado”

Segundo Marchiori et al. (1987), dentre as festas populares de Quissamã, o fado merece destaque especial por ser um baile característico do norte fluminense que, embora desaparecido de diversos municípios, se conservou ativamente naquele local. No século passado, o Fado tornou-se em Quissamã um dos bailes mais apreciados e frequentados pela população de baixa renda. É necessário esclarecer que o fado fluminense, nada tem em comum com a canção portuguesa de mesmo nome.

Para explorarmos mais sobre o Fado, visitamos o Canto do Santo Antônio, onde tem um pequeno memorial privado sobre as manifestações da cultura Afro-brasileira e serve como espaço para encontros e ensaios dos fadistas de Quissamã. O local é distante da escola, com muita vegetação, poucas habitações e grandes fazendas.

Durante esse encontro-formativo, realizou-se uma breve explanação dos elementos que compõem o Fado, abordando o processo de confecção do Pandeiro, a estrutura da dança e discutindo a dimensão sagrada do Fado, o reisado, e o relevante papel do palhaço nessa manifestação cultural. Além disso, os estudantes puderam utilizar todas as indumentárias e instrumentos musicais utilizados no Fado.

Durante a explicação sobre o painel do Boi Malhadinho, a imagem foi descrita como uma representação típica da região, sem um nome específico, mas parte importante da cultura carnavalesca local, sendo uma tradição comum em vários bairros do município, refletindo a valorização dessa manifestação cultural pela população, como podemos observar em sua fala:

Segundo Marchiori et al. (1987), no Brasil inteiro, de norte a sul, existem danças dramáticas populares, onde o boi é a figura central, e junto com o séquito de personagens que o acompanha, passa por uma série de peripécias, contando uma história sempre igual em sua estrutura. É o boi-bumbá no Norte, bumba-meu-boi no Nordeste e Centro e boi-de-mamão no Sul. Em alguns Estados acontecem no ciclo das festas natalinas e em outros nas festas de junho.

"Esse aqui é um boi malhadinho, mas ele não tem um nome, não tem um nome específico, mas ele é uma representação dos bois malhadinhos de Quissamã, boi do carnaval. É o boi de carnaval que a gente tem aqui em Quissamã. Então, essa representação dessa festa popular que a gente tem aqui no município, eu acho que todos os bairros têm, né gente? Um boi malhadinho aqui, né!? Vocês gostam de boi malhadinho no carnaval? Alguém que brinca com boi malhadinho?"

Em algumas regiões do Estado do Rio de Janeiro e do Espírito Santo aparece uma forma desta manifestação, chamada boi malhadinho ou boi pintadinho, que atualmente sai no carnaval. Em Quissamã, essa brincadeira, como é chamada pelos que dela participam, ainda é feita.

Para conhecer sobre essa manifestação, os estudantes foram visitar o Barracão do Boi Surubim, boi com tradição de mais de 20 anos no município. Seu presidente também é presidente da Associação Carnavalesca de Bois Malhadinhos (ASCBOM), instituição que desenvolve diversas ações e projetos na cidade com o intuito de preservar e valorizar a cultura dos bois malhadinhos na cidade.

Segundo Marta Medeiros (2023), os personagens que compõem o boi malhadinho incluem a pessoa que brinca embaixo do boi, conhecida como miolo de boi ou tripa do boi, os mascarados, que são pessoas vestidas de mascaradas que participam da brincadeira, as pessoas que brincam na mula, acompanhando o boi e interagindo com o público, o pai João e a mãe Maria, que representam os donos do boi, e a bateria, formada por ritmistas de todas as idades que brincam com o boi. Esses personagens desempenham papéis essenciais na tradição do boi malhadinho, mantendo viva essa manifestação cultural em Quissamã.

Segundo Lima (1962) apud Marchiori (1987), o folguedo ocorre no centro de uma roda, com uma espécie de leilão do boi. Mãe Maria e Pai João, proprietários do animal, debatem se devem ou não vendê-lo, enquanto outros personagens fazem ofertas pelo boi. Por fim, para satisfazer a esposa, Pai João decide mantê-lo, e o Boi, bufando, corre para o meio da roda e se embrenha no mato.

Durante a visita, os estudantes foram convidados a conhecer um pouco da história dos bois malhadinhos na cidade, assim como a história do Boi Surubim. Também tiveram a oportunidade de explorar todo o barracão, assim como experimentar os bois, mulinhas e bonecas que estavam no local. Ao final, os estudantes participaram de uma roda com o Boi Surubim, onde puderam tocar os instrumentos e participar da festa.

Durante todas essas saídas-formativas, os articuladores sociais da comunidade (ASC) enfatizaram a importância de vivenciar cada uma das manifestações em seus locais de origem, permitindo uma compreensão mais profunda do processo de preservação do patrimônio material e imaterial. Os ASC's também relacionaram essas manifestações à cultura afro-brasileira, destacando como Quissamã, ao longo de sua história, transformou seus espaços em territórios de resistência.

Durante a visita ao Quilombo Machadinho, uma das nossas articuladoras sociais, Janaína, enfatizou que aquele quilombo não era um local de fuga, mas sim de resistência. Ela destacou que o povo resistiu e continua presente ali até hoje. Janaína também mencionou que no espaço do memorial, atualmente, duas pessoas da comunidade trabalham, contando a história local.

Essa experiência reforça a importância de ocupar os nossos lugares e transmitir esse legado às crianças, mostrando o trabalho que é realizado no quilombo. De acordo com Janaína:

“Então, aqui não é um quilombo de fuga, é um quilombo de resistência, onde o nosso povo resistiu e continua aqui até hoje. Como nesse espaço, o memorial, hoje são duas pessoas da comunidade que trabalham aqui, contando a nossa história. Então, a gente está ocupando os nossos lugares, e isso é o que a gente passa aqui para as crianças, o trabalho que a gente faz aqui.”

Dessa maneira, ao redescobrimos a Cidade de Quissamã, estamos juntos, professores, estudantes, ASC's através de um processo dialético com esses espaços, redescobrimo e transformando-os em territórios de aprendizagem e ressignificação.

Ao final das saídas-formativas, os estudantes foram desafiados a criar documentários sobre cada uma das manifestações da cultura afro-brasileira encontradas nos murais pintados no muro do CRQ.

A construção desses documentários não estava presente inicialmente nesta proposta pedagógica, sendo uma demanda sugerida pelo grupo de responsáveis dos estudantes quando estávamos apresentando a proposta de trabalho no primeiro encontro-formativo com esse grupo.

Como todo o nosso trabalho foi desenvolvido de forma colaborativa, consideramos essa sugestão válida e apresentamos a proposta aos estudantes para apreciação. Conversamos sobre como esses documentários poderiam nos ajudar a aprofundar nosso conhecimento sobre as manifestações da cultura afro-brasileira encontradas em Quissamã e a definir qual delas aprofundaríamos no terceiro bimestre.



Fotografia 1 - Exibição dos documentários na unidade escolar **Fonte:** Arquivo do autor (2023).

Com os documentários finalizados, eles foram exibidos na unidade escolar e após a exibição foi feita uma eleição na turma e na escola para saber qual manifestação da cultura afro-brasileira encontrada nos murais pintados nos muros do CRQ seria aprofundada no terceiro bimestre.

O primeiro documentário exibido foi o do Jongo. Ele inicia com um estudante explicando o objetivo do trabalho, seguido por uma breve descrição de como se participa de uma roda de Jongo, com imagens captadas durante a saída-formativa para o Memorial Machadinha. Em seguida, apresentam uma entrevista com a Secretária Municipal de Cultura, Patrimônio Histórico e Lazer, Kitiely Paula Nunes de Freitas, na qual perguntam sobre a importância do Jongo para a cultura de Quissamã e para a cidade. O documentário finaliza com alguns erros de gravação.

O segundo documentário foi o do Fado, que se inicia filmando os pés de alguns estudantes que estão jogando basquete na quadra da escola e depois mostra uma professora de educação física passando uma atividade no quadro sobre as regras do basquete. Quando a professora sai da sala, um estudante se levanta da cadeira e vai em direção ao quadro e apaga todas as regras do basquete que estavam no quadro e escreve que “Educação Física não é só esporte, é cultura também!”. Depois, aparecem os estudantes entrevistando outros estudantes na escola perguntando se eles sabem o que é o Fado, e todos os estudantes respondem que não sabem. Em seguida, a estudante que apresenta questiona quem está assistindo se conhece o Fado, e então aparece a estudante no espaço do Museu Casa Quissamã, falando sobre o que é o Fado e os estudantes dançando o Fado. Depois, outra estudante do grupo entrevista outros componentes do grupo sobre por que devemos estudar sobre o Fado no terceiro bimestre e termina com todos os componentes do grupo pedindo para as pessoas votarem no Fado.

O terceiro documentário foi sobre o Boi Malhadinho. Narrado ao longo de imagens captadas durante a visita à sede do Boi Surubim, o documentário foi estruturado em blocos. O primeiro bloco contextualiza historicamente o tema, enquanto o segundo aborda a origem e as características do boi malhadinho. O terceiro bloco explora o significado cultural dessa manifestação, enquanto o último bloco faz um resumo dos pontos mais importantes abordados durante a narrativa.

Após a exibição dos documentários, realizou-se uma eleição para escolher a manifestação da cultura afro-brasileira que os estudantes queriam aprofundar no terceiro bimestre. A votação foi feita com o uso de uma urna, e a apuração dos votos também ocorreu com o auxílio dessa urna. Ao final, o Fado foi eleito como a manifestação escolhida pelos estudantes.

Após a escolha do Fado, iniciamos a construção do planejamento para o terceiro bimestre, ficando de acordo com a tabela abaixo:

Data	Desenvolvimento
02/08/2023	Vivência do Fado
09/08/2023	Roda de Conversa sobre Fado na Casa Rosa
16/08/2023	Roda de Conversa em Campos dos Goytacazes
23/08/2023	Oficina de Instrumentos
30/08/2023	Oficina de Instrumentos
06/09/2023	Oficina de Vestimenta
13/09/2023	Oficina de Vestimenta
20/09/2023	Avaliação
27/09/2023	Apresentação Cultural

Quadro 2 - Planejamento Participativo da Unidade Didática sobre o Fado. **Fonte:** Elaborado pela Autor (2024)

A terceira fase da proposta pedagógica marcou o retorno à equipe técnico-pedagógica da escola, à COGEP, professores e aos responsáveis dos estudantes para uma apresentação abrangente da unidade didática construída e uma avaliação do processo até aquele momento.

Data	Encontro Formativo	Grupo
12/07/2023	2º	Grupo Técnico-Pedagógico da Escola
13/07/2023	2º	COGEP
29/08/2023	2º	Professores da Unidade Escolar
3/08/2023	2º	Responsáveis

Quadro 3 - Encontro-formativo para avaliação da unidade didática construída. **Fonte:** Elaborado pela Autor (2024)

Na quarta fase, os estudantes mergulharam na experiência prática e vivencial da sequência didática construída colaborativamente na segunda fase. Esta etapa foi fundamentada na premissa de que a aprendizagem é mais significativa quando ancorada na prática e na vivência concreta dos conteúdos abordados. A justificativa para essa fase residiu na importância de proporcionar aos estudantes não apenas o conhecimento teórico, mas também a oportunidade de aplicar e internalizar os conceitos trabalhados de maneira colaborativa.

Na quinta fase, a etapa de avaliação assumiu uma dimensão significativa ao promover encontros formativos abrangentes com cada um dos grupos participantes da pesquisa. Este momento não tratou apenas de analisar o processo de pesquisa em si, mas visou proporcionar aos participantes uma participação ativa, criando um espaço para uma visão ampla do impacto da proposta pedagógica desenvolvida. Pois “é importante que pais, professores, alunos, funcionários e a comunidade externa estejam centrados no conhecimento, propondo experiências de ensino-aprendizagem significativas entre todos, pois juntos se aprende e se ensina” (Clavijo & Vieira, n.d.)

Data	Encontro Formativo	Grupo
5/12/2023	3º	Grupo Técnico-Pedagógico da Escola
9/12/2023	3º	COGEP
24/10/2023	3º	Responsáveis

Quadro 4
Encontros-formativos para avaliação de toda a proposta educacional. **Fonte:** Elaborado pela Autor (2024)

A sexta fase da proposta pedagógica emergiu como um ponto culminante, marcando não apenas o desfecho, mas um renovado comprometimento dos estudantes com a aprendizagem. Nessa fase, não se tratou apenas da internalização do conhecimento adquirido, mas, de maneira mais substancial, da manifestação prática desse saber na esfera comunitária, promovendo um ciclo de interação e reciprocidade, exercendo “um efeito de síntese de todas as informações parciais coletadas e um efeito de convicção entre os participantes” (Thiollent, 2011, p.81)

De acordo com Gasparin (2012), esse é o momento em que o docente e o discente, após convergirem na assimilação do conteúdo e dos novos conceitos, engajam-se em um diálogo, onde estabelecem as estratégias para empregar de maneira mais significativa os novos conceitos em contextos de operações sociais práticas. Essas operações não são orientadas apenas para o reconhecimento imediato dos traços teóricos essenciais do conceito, mas sim para sua aplicação inovadora.

ORGANIZANDO A APRESENTAÇÃO CULTURAL

Como parte da proposta pedagógica, a turma foi dividida em quatro grupos com o mesmo número de integrantes e com funções específicas para garantir a participação de todos.

O primeiro grupo, designado como Grupo da Dança do Fado, foi responsável por pesquisar, ensaiar e apresentar a dança do fado. Este grupo foi encarregado de estudar a história e os movimentos característicos dessa dança, bem como de preparar uma apresentação autêntica e cativante para o projeto.

O segundo grupo, denominado Grupo de Divulgação, teve a função de promover o projeto dentro da comunidade escolar. Isso incluiu a criação de materiais de divulgação, como cartazes e panfletos, e a utilização de diferentes canais de comunicação, como redes sociais e anúncios em sala de aula, para garantir uma ampla participação e interesse na iniciativa.

O terceiro grupo, conhecido como Grupo de Recepção, ficou responsável por receber os participantes durante o evento. Eles foram encarregados de organizar a entrada dos participantes e fornecer informações sobre o projeto e garantir que todos se sentissem bem-vindos e confortáveis durante o evento.

Por fim, o quarto grupo, chamado de Grupo de Organização do Evento, teve a responsabilidade de coordenar todas as atividades práticas relacionadas ao projeto. Isso incluiu a organização do local do evento, o gerenciamento do cronograma e a supervisão das atividades durante o projeto.

Essa divisão de funções teve como objetivo distribuir as responsabilidades de forma equitativa entre os participantes e garantir uma execução eficaz e bem-sucedida do projeto.

Cada grupo contou com um líder, escolhido entre os próprios membros do grupo. O líder foi responsável por servir como ponto de contato principal com o professor-pesquisador, sendo encarregado de esclarecer dúvidas e comunicar informações relevantes sobre o andamento do projeto.

Além disso, o líder de cada grupo teve a responsabilidade de coordenar e dividir as tarefas entre os membros do grupo, garantindo uma distribuição equitativa das responsabilidades e uma colaboração eficaz entre todos os participantes.

Dessa forma, a nomeação de líderes em cada grupo visou promover uma gestão eficiente e uma liderança participativa, contribuindo para o sucesso global do projeto e para o desenvolvimento das habilidades de liderança dos estudantes envolvidos.

ORGANIZANDO OS ENCONTROS-FORMATIVOS

Para construção colaborativa da apresentação cultural precisamos de oito aulas de 50 minutos, uma manhã, que foi o dia da apresentação dos estudantes e duas aulas de 50 minutos para avaliação de todo o processo, totalizando 10 encontros formativos para o desenvolvimento do festival, conforme tabela a seguir:

Encontro Formativo	Duração	Objetivo
1	50 minutos	Apresentar a estrutura da proposta pedagógica e distribuir tarefas entre os grupos
2	50 minutos	Definir um nome impactante e representativo para a apresentação cultural.
3	50 minutos	Estabelecer metas claras e mensuráveis para cada grupo durante a execução do projeto
4	50 minutos	Apresentar propostas de trabalho dos grupos e avaliar o progresso em relação às metas estabelecidas
5	50 minutos	Revisar e discutir o que cada grupo produziu durante a semana, fornecendo feedback e orientações
6	50 minutos	Revisar e aprovar o material preparado por cada grupo para o evento.
7	50 minutos	Revisar e aprovar o material preparado por cada grupo para a apresentação cultural.
8	50 minutos	Planejar e executar estratégias de divulgação da apresentação cultural em todas as turmas da escola.
9	90 minutos	Realizar a apresentação Cultural.
10	100 minutos	Avaliar toda a proposta educacional, identificando pontos fortes e áreas de melhoria.

Quadro 5 - unidade didática proposta para construção do Festival
Fonte: Elaborado pela Autor (2024)

O primeiro encontro-formativo dessa fase ocorreu após o retorno do recesso de julho, o que demandou um resumo das atividades anteriores, incluindo a apresentação de fotos de algumas atividades realizadas. Em seguida, foi apresentado o cronograma de atividades, com datas definidas, para que os estudantes pudessem entender claramente o que era esperado deles e os prazos para a entrega de cada atividade. Nesse momento, os estudantes puderam fazer sugestões de alteração ou retirada de pontos que considerassem desnecessários. Foi nesse dia que a turma foi dividida nos grupos responsáveis pela organização da apresentação cultural.



Fotografia 2 - Primeiro encontro-formativo da sexta fase da proposta educacional. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).

O segundo encontro-formativo teve como objetivo definir o nome que os estudantes utilizariam para divulgar a apresentação cultural. Durante essa discussão, questionei-os sobre como poderíamos criar esse nome considerando que, apesar de termos o Fado como manifestação cultural eleita para o terceiro bimestre, a apresentação não poderia se limitar apenas a essa expressão, pois há outras manifestações no município que também precisariam ser lembradas durante a construção do evento. Expliquei ainda a importância de considerar que os povos que contribuíram para a construção da cidade também contribuíram para essas manifestações. Dessa forma, o nome escolhido deveria representar toda essa diversidade cultural e histórica. Durante esses debates, a ideia de apresentação transformou-se em Festival, pois os estudantes acreditavam que apenas com um festival poderiam transmitir à comunidade a grandeza de suas manifestações culturais.

O nome escolhido pela turma para a apresentação foi “1º Festival Multicultural”. Segundo o estudante Matheus Theodoro de Souza, essa escolha representa a diversidade de manifestações culturais que serão abordadas no evento.



Fotografia 3 - estudantes reunidos para escolha do nome da apresentação cultural. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).

No terceiro encontro-formativo, com a divisão dos grupos feita, cada um ficou responsável por organizar uma proposta de trabalho. O Grupo do Fado iniciou os preparativos para a dança que iriam apresentar, planejando os ensaios e a execução durante o festival. O grupo responsável pela divulgação começou a montar uma estratégia de divulgação do evento, utilizando diversos veículos de comunicação. O grupo da recepção já começou a planejar como seria a recepção de todas as pessoas que participariam do festival. Enquanto isso, o grupo responsável pela organização já começou a pensar em todos os detalhes de como o festival seria organizado, desde a abertura até o encerramento.

Durante as discussões sobre a construção do festival, um dos grupos propôs a realização de um teatro que abordasse a história da boneca abayomi, que eles conheceram durante a saída-formativa para o Quilombo Machadinha. Elogiei a ideia, ressaltando sua relevância, e encorajei o grupo a desenvolver essa proposta. Outro grupo sugeriu que alguém da turma cantasse durante o festival. Além disso, alguns estudantes expressaram o desejo de convidar autoridades locais para o evento, destacando que a contribuição delas era fundamental para o resgate da história local, e que era importante que soubessem disso.

Ao relacionar a boneca abayomi com o festival, os estudantes demonstraram uma compreensão mais profunda da luta e resistência pela sobrevivência dos povos escravizados. Eles reconheceram a importância de disseminar esse conhecimento para todos, destacando como essa luta histórica se manifestou em nossas expressões culturais. A boneca abayomi, símbolo de proteção e conexão emocional entre mães e filhos separados pela escravidão, tornou-se, assim, um elemento representativo dessa resistência e resiliência.

No próximo encontro-formativo, cada grupo apresentou suas sugestões de forma sistematizada, detalhando as ideias e propostas de maneira clara e organizada. Essa apresentação foi fundamental para que toda a turma pudesse avaliar e discutir em profundidade as diferentes contribuições de cada grupo. Foi um momento de troca de conhecimentos e experiências, visando enriquecer ainda mais o processo de construção coletiva do conhecimento.

De acordo com Janaina (2023), uma de nossas ASC, no início da história, as mães vinham com seus filhos e, como as crianças não podiam ter brinquedos, elas faziam as bonequinhas rasgando o retalho das suas roupas. Eram bem pequenas, para que as crianças pudessem esconder na mão e não serem capturadas. Essas bonecas se tornaram uma lembrança da mãe, um amuleto de proteção que a mãe mandava de onde ela estava, transmitindo sentimentos e amor às crianças.



Fotografia 4 - grupos organizando o festival.
Fonte: Arquivo do autor (2023).

No quarto encontro-formativo, os grupos começaram a apresentar, de forma sistematizada, como iriam organizar suas funções e tarefas durante o Festival. O grupo da dança do Fado já tinha conversado sobre a música que iria ser utilizada e estavam montando a coreografia. O grupo da divulgação trouxe a proposta de divulgar o festival nas redes sociais através de um vídeo que seria criado pelo grupo e de fazer panfletos de divulgação. O grupo da recepção trouxe a sugestão de todos os estudantes estarem com um crachá identificando os estudantes que estavam participando do Festival e trouxeram a sugestão de trazer objetos representativos de cada uma das manifestações visitadas por eles, para que as pessoas pudessem conhecer melhor. O grupo da organização deu a sugestão de iniciarmos o festival com uma abertura, onde poderíamos utilizar os vídeos produzidos pela turma, sugeriram colocar o teatro e terminar com o grupo do Fado, apresentando sua coreografia. Para facilitar nossa organização, cada grupo apresentou sua proposta a turma, e cada estudante poderia questionar o que cada grupo estava propondo.

Diante disso, sugeriram que houvesse um folder explicativo para que as pessoas pudessem entender os motivos que levaram a turma a criar esse festival. Além disso, foi sugerido que a estudante Mayara cantasse no dia do festival, o que foi recebido com entusiasmo pela turma.

Essas sugestões adicionais demonstram o empenho e a criatividade dos estudantes na organização do evento, que, por sua vez, foi impulsionado pela proposta de cada grupo trazer para o próximo encontro os vídeos, panfletos, modelos de crachá e detalhes sobre como funcionaria o teatro, para apreciação e discussão da turma.



Fotografia 5 - estudantes apresentando os trabalhos feitos durante a semana. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).

No quinto encontro-formativo, cada grupo apresentou para a turma o que produziu durante a semana, com os líderes de cada grupo mostrando todo o material já produzido até então. O grupo do Fado apresentou a coreografia que iriam utilizar, juntamente com a música, e já tinham garantido a roupa com a ASC do Fado. O grupo da divulgação trouxe os vídeos produzidos para a divulgação, incluindo um vídeo explicativo sobre o festival e outro destacando a proximidade do evento. O grupo da recepção apresentou o crachá para apreciação, enquanto o grupo da organização propôs uma abertura com falas dos estudantes sobre o festival, seguida pela exibição dos vídeos produzidos durante a aula, o teatro representando uma mãe perdendo seus filhos para o mercado de escravos, a performance musical de Mayara, e um vídeo sobre a importância do Fado. Logo após, o grupo do Fado apresentaria sua dança. Durante a discussão após as apresentações dos grupos, a turma sugeriu que, após a apresentação do Fado, a mãe retornasse ao palco e reencontrasse seus filhos, representados pelas manifestações do boi malhadinho, do jongo e do Fado.



MARCILON BEZERRA DA SILVA
PESQUISADOR
LUIZ ALEXANDRE OXLEY DA ROCHA
ORIENTADOR

Fotografia 6 - grupos apresentando alguns materiais produzidos para o festival. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).



Fotografia 7 - turma apresentando todos os materiais produzidos para o festival. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).



MARCILON BEZERRA DA SILVA
PESQUISADOR
LUIZ ALEXANDRE OXLEY DA ROCHA
ORIENTADOR

Fotografia 8 - grupo divulgado nas salas de aulas o festival. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).

Durante todo o processo de construção do festival, priorizamos o diálogo, a colaboração e o respeito pelos saberes dos estudantes. Ao nos aproximarmos do dia da apresentação, sentimos uma apreensão natural sobre como o público receberia o que foi organizado com tanto cuidado e dedicação. No entanto, estávamos confiantes de que havíamos feito tudo o que estava ao nosso alcance para proporcionar à comunidade uma experiência significativa e acessível, apresentando nossa interpretação das manifestações da cultura afro-brasileira encontradas em Quissamã.

Ao direcionar nossos esforços para a retribuição à comunidade, não queríamos meramente compartilhar informações sobre a importância das manifestações da cultura afro-brasileira de Quissamã e sua relação intrínseca com a Educação Física. Mas do que isso, queríamos desencadear uma experiência rica e aprofundada, desenvolvendo uma apresentação cultural que não apenas informasse, mas também envolvesse e sensibilizasse. Por essa razão, concordamos com Gasparin (2012) quando afirma que é fundamental desafiar o estudante a aplicar os conhecimentos adquiridos ou construídos na escola em direções políticas específicas. Se não houver esse estímulo, todo o esforço dedicado para implementar esse método de ensino-aprendizagem pode se assemelhar aos métodos convencionais.



Fotografia 9 - turma ao final do festival. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).

A construção dessa apresentação não se limitou a uma mera exposição de conceitos, mas se transformou em um exercício criativo e interpretativo, um reflexo do entendimento crítico alcançado pelos estudantes. Através dessa expressão cultural, eles se tornaram protagonistas na transmissão não apenas de conhecimento, mas de uma apreciação mais profunda pela diversidade cultural e sua integração significativa na prática educacional. “É a expressão mais forte de que de fato se apropriou do conteúdo, aprendeu, e por isso sabe e aplica” (Gasparin, 2012, p.142).

Dessa forma, a sexta fase não apenas consolidou a aprendizagem, mas também estabeleceu uma conexão mais profunda entre a instituição de ensino e a comunidade, enriquecendo o tecido social e cultural por meio do compartilhamento intencional de conhecimento e apreciação. Essa fase, assim, transcendeu a mera retribuição para se tornar um catalisador de transformação, inspirando não apenas a conscientização, mas também a participação ativa e continuada na dinâmica educacional e cultural.

Por isso, torna-se muito difícil descrever com exatidão tudo o que aconteceu naquele dia. Assim, disponibilizaremos um QR Code para que todos possam vivenciar e compreender melhor a experiência daqueles que estiveram presentes no dia 11 de outubro de 2023, às 9:00 da manhã, no auditório da Prefeitura Municipal de Quissamã.



Figura 3 - QR Code com todas as apresentações do Festival. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).

AValiação

O nosso último encontro desta proposta pedagógica ficou reservado para avaliarmos os percursos (re)construtivos que nos levaram a explorar as manifestações da cultura afro-brasileira encontradas em Quissamã e seus territórios de aprendizagem e resistência através da construção de um festival cultural, e como o estudante, protagonista desse processo, internalizou os saberes oriundos dessa perspectiva.

Assim, tornou-se necessário compreender que toda essa proposta educacional levou em consideração uma perspectiva que não visava reforçar os estereótipos que legitimavam “o fracasso, a discriminação, a evasão e expulsão dos alunos, principalmente daqueles oriundos da classe trabalhadora” (Soares, 1992).

Por isso, criamos momentos avaliativos em todo o percurso dessa proposta pedagógica, onde os estudantes fossem instigados a refletir criticamente sobre suas aprendizagens, reconhecendo as contribuições da cultura afro-brasileira para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, a avaliação não se limitou a verificar o conhecimento adquirido, mas sim ser uma ferramenta para promover a desconstrução de estereótipos e preconceitos, incentivando a valorização da diversidade cultural e o respeito à pluralidade de saberes e experiências presentes na comunidade escolar.

Assim, durante todo o processo dessa proposta educacional, a avaliação foi uma parte essencial, realizada de forma contínua e processual. Ao final de cada saída-formativa, elaboramos roteiros de observações que foram fundamentais para auxiliar os estudantes na compreensão das manifestações da cultura afro-brasileira que estávamos visitando. Esses roteiros permitiram uma análise mais detalhada e reflexiva sobre os aspectos culturais abordados, proporcionando uma experiência mais enriquecedora e significativa. Além disso, no início de cada encontro-formativo, dedicávamos um tempo para fazer uma breve avaliação do encontro anterior, em um ciclo de ação-reflexão-ação. Esse processo permitia que os estudantes revisitassem suas experiências anteriores, identificassem pontos positivos e áreas para melhorias, e assim, pudessem direcionar melhor suas atividades para o próximo encontro.



MARCILÓN BEZERBA DA SILVA
PESQUISADOR
LUIZ ALEXANDRE OXLEY DA BOCHA
ORIENTADOR

Fotografia 10 - estudantes conversando sobre o festival e toda a proposta educacional. **Fonte:** Arquivo do autor (2023).

Para a avaliação do festival, realizamos um encontro-formativo específico, onde os estudantes foram convidados a se expressar e explicar sobre o que sentiram durante todo o processo de organização e apresentação do festival. Focamos na avaliação do processo de produção do festival e na reflexão sobre a proposta educacional como um todo. Para isso, os estudantes foram convidados a realizar uma autoavaliação e tiveram a oportunidade de compartilhar suas reflexões e dialogar sobre como foi o dia da apresentação. Esse momento de troca de experiências foi enriquecedor e permitiu que todos os estudantes externassem suas opiniões, contribuindo para uma avaliação mais abrangente e significativa do projeto como um todo.

De acordo com Darido (2012), a autoavaliação é fundamental para que o aluno assuma uma postura mais ativa em seu processo de aprendizagem, permitindo que não seja apenas um executor de ordens, mas alguém que compreende claramente os objetivos do projeto em que está envolvido, sendo capaz de avaliar criticamente seu próprio trabalho e tem controle sobre sua própria trajetória de aprendizado. Assim, a autoavaliação capacita o aluno a ser mais consciente e responsável por sua própria aprendizagem, tornando-o mais engajado e autônomo em seu processo educacional.

Lima (2021) destaca a importância da autoavaliação no planejamento pedagógico-avaliativo, destacando-a como um instrumento fundamental para a reflexão do aluno sobre sua própria realidade e seu processo de aprendizagem. Segundo o autor, ao inserir a prática da autoavaliação, o docente possibilita ao discente uma revisão constante de seu modo de pensar, sentir e agir, promovendo uma transformação tanto individual quanto social. A interação e construção conjunta com os outros se mostram como elementos essenciais nesse processo, visto que a aprendizagem é um fenômeno que se dá na relação com o outro e com o mundo ao redor, resultando em uma formação mais completa e significativa.

Assim, durante a avaliação do festival, todos os estudantes foram convidados a fazer a autoavaliação e a compartilhar suas experiências. Esse momento foi fundamental para que pudessem expressar suas opiniões e sentimentos ao longo de todo o processo de construção do festival. Diversas falas foram muito bem colocadas pelos estudantes, mas uma em especial destacou-se pela sua carga de inclusão. O episódio envolvendo o estudante Jonas foi marcante: apesar de suas dificuldades de expressão e comunicação, ele participou ativamente do festival, auxiliando-me durante a apresentação. Sua participação como meu auxiliar foi emocionante e, ao expressar sua satisfação com a experiência, toda a turma o aplaudiu, incentivando-o. Esse momento foi extremamente gratificante, tanto como professor quanto como ser humano, e reforçou a importância da inclusão e da valorização de cada estudante em todo o processo educacional.

Uma das falas destaca a surpresa e o encantamento ao descobrir mais sobre sua própria história e cultura local através das aulas de Educação Física. Essa experiência revela não apenas o impacto da abordagem pedagógica, mas também o potencial transformador que a disciplina pode ter, indo além dos aspectos físicos para abraçar a identidade e a valorização cultural dos alunos. O relato também evidencia a gama de emoções vivenciadas, como a alegria, o medo e a emoção, mostrando a riqueza e a intensidade das vivências proporcionadas pelo projeto, como podem observar no recorte da autoavaliação abaixo:

Eu achei incrível a oportunidade que o professor Marcelan nos deu, nunca pensei que eu poderia conhecer mais sobre a minha história, sobre a cultura da minha cidade e as tradições, nas aulas de educação física. Foi uma experiência maravilhosa, onde eu, serei, busquei, aprendente, chacei, fiquei com medo e etc. No dia da apresentação

Recorte de documento

1 - Autoavaliação discente sobre o a proposta pedagógica.

Fonte: Thamiris Vitória de Souza Alves (2023)

Em outra autoavaliação, a estudante Mayara Reis Pacheco, ressaltou a importância do professor como um facilitador e incentivador, indo além do papel tradicional de apenas transmitir conhecimento. A estudante reconheceu a experiência como única e enriquecedora, destacando a valorização de sua participação ativa na elaboração do evento. Além disso, a reflexão sobre a Educação Física como disciplina foi além da prática esportiva, demonstrando a amplitude de conhecimentos e vivências proporcionadas pelo projeto, conforme recorte abaixo:

Recorte de documento

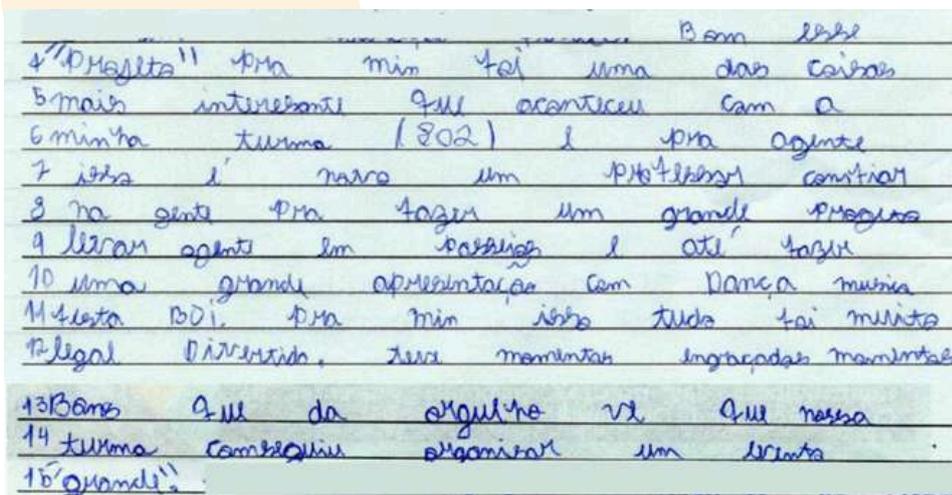
2 - Autoavaliação discente sobre o a proposta pedagógica.

Fonte: Mayara Reis Pacheco (2023)

ganizada, mas fazer isso foi incrível e uma experiência diferente para mim, foi muito lindo ver o professor ajudando a gente e incentivando. O mais incrível e curioso é esse evento ter sido elaborado por nós, alunos, e isso é bem legal e nada disso teria acontecido se não fosse o professor, ele mostrou para nós uma coisa bem além do que só fazer aula na quadra, ele mostrou para nós que educação física tem muito além disso.

Essa fala ressalta a experiência transformadora que o projeto representou para a turma 802, destacando a confiança depositada pelo professor ao permitir que os alunos participassem ativamente na elaboração e execução de um evento significativo. Para os estudantes, essa oportunidade foi algo inédito e estimulante, pois transcendeu as expectativas tradicionais da disciplina de Educação Física, proporcionando uma experiência única de aprendizado e superação. Ao mencionar momentos engraçados e bons, o aluno enfatiza a dimensão humana e afetiva do projeto, que proporcionou não apenas aprendizado acadêmico, mas também momentos de integração e diversão. Além disso, o orgulho expresso pelo aluno ao ver a turma organizando um evento de grande porte reflete a valorização da capacidade coletiva de realização e organização, reforçando a importância do projeto como um catalisador do desenvolvimento pessoal e coletivo dos estudantes.

Essa fala evidencia, portanto, a relevância de propostas pedagógicas que vão além do ensino tradicional, permitindo aos alunos vivenciar experiências que contribuam para sua formação, além de proporcionar um ambiente de aprendizado mais significativo e motivador.

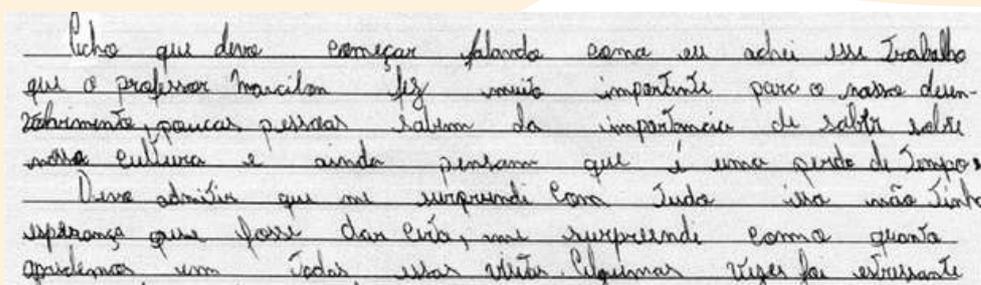


Recorte de documento 3 - Autoavaliação discente sobre o a proposta pedagógica.
Fonte: Brayan Barreto de Aguir (2023)

A próxima fala é de Ana Clara de Almeida Peroba, que destaca a relevância do trabalho realizado pelo professor-pesquisador ao promover o conhecimento e a valorização da cultura local entre os alunos. O estudante ressalta que muitas pessoas subestimam a importância de conhecer a própria cultura, considerando-o uma perda de tempo. Essa reflexão evidencia a percepção da estudante sobre a relevância da Educação Física não apenas como uma disciplina voltada para a prática esportiva, mas também como um espaço para o desenvolvimento da consciência cultural e da identidade dos estudantes.

O reconhecimento da importância do trabalho do professor-pesquisador para o desenvolvimento pessoal e cultural dos alunos indica uma mudança de perspectiva e uma valorização do conhecimento sobre a própria história e cultura como elementos fundamentais para a formação integral dos estudantes. Essa reflexão reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam a valorização da cultura local e estimulem a reflexão crítica sobre a identidade cultural.

Recorte de documento 4 - Autoavaliação discente sobre o a proposta pedagógica.
Fonte: Ana Clara de Almeida | Peroba (2023)



Todas as falas citadas anteriormente refletem um pouco das experiências que cada estudante teve durante toda a trajetória de exploração e descobertas da cultura afro-brasileira encontradas em Quissamã. Através da releitura dessas culturas, os estudantes puderam ter novas percepções sobre o tema, o que possibilitou a construção de novos conceitos e atitudes.

Dessa forma, o processo de avaliação transcendeu a mera obrigação pedagógica e burocrática, tornando-se um instrumento que auxiliou estudante e professor a refletirem sobre como o processo educativo que vivenciaram e experimentaram, contribuiu na mudança de suas percepções sobre a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Culturas populares, educação e descolonização. **Revista Educação em Questão**, [S.l.], v. 57, n. 54, p. 1-20, 20 dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21680/1981-1802.2019v57n54id18279>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ABRANTES, Angelo Antoni; EIDT, Nadia Mara. Psicologia histórico-cultural e a atividade dominante como mediação que forma e se transforma: contradições e crises na periodização do desenvolvimento psíquico. **Obutchénie - Revista De Didática e Psicologia Pedagógica**, Uberlândia, v. 3, n. 3, p. 1-36, set./dez. 2019.

ALMEIDA, Nadja Rinelle Oliveira de; MOREIRA, Damares Oliveira. Manifestações da cultura popular local na aprendizagem das séries iniciais e na formação dos professores. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev. Pemo**, [S.L.], v. 2, n. 3, p. 233726, 1 ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47149/pemo.v2i3.3726>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ALVES, Melina Silva. Educação Física e formação humana: uma reflexão a partir da prática de ensino e da vivência com a metodologia crítico superado. **Motrivivência**, Ano XVIII, n. 26, p.127-138, jun. 2006

BINS, Gabriela Nobre. **Diálogos entre a pedagogia Griô e a Educação Física: Aproximações possíveis na busca de uma educação decolonial**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 21., 16-20 de Setembro, 2019, Natal – RN. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/paper/viewFile/12981/6743>. Acesso em: 14 fev. 2024.

BOSCATTO, Juliano; KUNZ, Elenor. Consciência e experiência: contribuições para a formação humana. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 10, n. 2, p. 34-48, maio/ago. 2012.

BRASIL. Capes. **Programa de Mestrado Profissional para Professores da Educação Básica – ProEB**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-a-distancia/proeb> Acesso em: 24 maio 2021.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno. Resolução n. 1 de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, 22 de junho de 2004, seção 1, p.11.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 01 fev. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa n. 17, de 28 de dezembro de 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes. **Diário Oficial da União**, v. 6, n. 3, 2009.

CARMO, Edinaldo Medeiros; FARIAS, Rosa Belém; BARZANO, Marco Antônio Leandro. Cultura popular no planejamento e na prática de professores dos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Espaço Pedagógico**, [S.l.], v. 27, n. 3, p. 792-808, 2020. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/12383>. Acesso em: 23 fev. 2024.

CASTRO, Vanessa Gomes de. Sobre o compromisso da Educação Física escolar com a inclusão social dos negros. **Práxis Educativa**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 520-535, 2017.

CLAVIJO, Leticia Pons; VIEIRA, Leociléa Aparecida. A função político-pedagógica da equipe pedagógica no espaço escolar. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**. Paraná, 2013.

COSTA, Rute Ramos da Silva; FONSECA, Alexandre Brasil. O processo educativo do jongo no Quilombo Machadinho: Oralidade, saber da experiência e identidade. **Educação & Sociedade**, v. 40, p. e0182040, 2019.

CRELIER, Cátia Malaquias; SILVA, Carlos Alberto Figueiredo da. Africanidade e afrobrasilidade em educação física escolar. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.l.], v. 24, n. 4, p. 1307, 6 jan. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.81656>. Acesso em: 14 fev. 2024.

DALMAS, Angelo. **Planejamento Participativo na escola**: elaboração, acompanhamento, avaliação. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DARIDO, Suraya Cristina. A avaliação da educação física na escola. **Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 16, p. 127-140, 2012.

DENARDI, Anderson Artur; PEREIRA FILHO, Ednaldo da Silva. Abordagens de elementos das culturas afro-brasileira e indígena: as representações sociais de professores de Educação Física Escolar de Canela/RS. **Identidade**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 311-336, 2023.

ESPÍRITO SANTO, Carmelita do; FREIRE, Isa Maria. "Quissamã somos nós!": construção participativa de hipertexto. **Ciência da Informação**, v. 33, n. 1, p. 155-168, jan. 2004.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. A Escola e a Educação Física em sociedades democráticas e republicanas. São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2018. Trata-se do texto 1 da disciplina 3 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

FERNANDES, Rogério Ribeiro. **O passado se faz presente**: análise das tradições materializadas em ações de salvaguarda de patrimônio histórico e cultural de Quissamã - RJ (1989-2016). 2017. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 41. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2011.

FREITAS, R. Produtos educacionais na área de ensino da CAPES: O que há além da forma? **Educação Profissional e Tecnológica em Revista**, v. 5, n. 2, p. 5-20, 24 set. 2021.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

GOMES, Anabela Costa. Cidade Educadora. In: CORREIA, Luís Grosso. **O passado é uma país estranho**: temas e estratégias para uma educação histórica de qualidade. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021. p. 35-58.

GONÇALVES, Bruna Cardoso; NASCIMENTO, Paulo Magalhães Monard; ALBERTO, Álvaro Adolfo Duarte. Currículo, Educação Física e Marabaixo: fundamentando caminhos para inserção da cultura afro-brasileira na escola do Amapá. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 22, p. 1-10, 6 set. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/53497/33650>. Acesso em: 06 mar. 2024.

GRANATO, Patrícia; PELLANDA, Veridiana Dallarmi. A cultura afro-brasileira encantando a educação física escolar. **Revista Chão da Escola**, [S.l.], n. 12, p. 24-33, 31 dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.55823/rce.v12i12.90>. Acesso em: 14 fev. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LIMA, Geiziane Ferreira de; CUNHA, Débora Alfaia da. Desenvolvimento profissional docente e pós-graduação: Motivações e dificuldades para cursar um mestrado acadêmico. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. e022020, 2022. DOI: 10.24065/2237-9460.2022v12n1ID1751. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1751>. Acesso em: 1 nov. 2022.

LIMA, Isabela Talita Gonçalves de; BRASILEIRO, Livia Tenorio. A cultura afro-brasileira e a educação física: um retrato da produção do conhecimento. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [S.l.], v. 26, p. 1-10, 27 mar. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.93164>. Acesso em: 14 fev. 2024.

LIMA, Leonardo da Silva. **Diálogos docentes sobre a prática pedagógico-avaliativa**: o caso da autoavaliação na Educação Física Escolar. 2021. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230325>. Acesso em: 17 jan. 2024.

LIMA, Rosilene de Oliveira Barra; COLCHETE FILHO, Antônio Ferreira. Quissamã: turismo e planejamento urbano. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, [S.l.], v. 8, n. 64, p. 149-174, 5 dez. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17271/231884728642020>. Acesso em: 14 fev. 2024.

MACHADO, F. S. Memória e Tradições Culturais numa Comunidade de Descendentes de Escravos. 2006, 119 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais). Programa de Pós Graduação em História Política e Bens Culturais (PPHPBC). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

MAGALHÃES, Giselle Modé. Atividade-guia e neoformações psíquicas: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para o ensino desenvolvnte na Educação Infantil. **Revista Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 4, n. 2, p. 275-286, jul./dez. 2018.

MARCHIORI, Maria Emília Prado et al. **Quissamã**. Rio de Janeiro: SPHAN, Fundação Nacional Pró Memória, 1987.

MATTOS, Ivanilde Guedes; MONTEIRO, Pamela Tavares. Educação Física: corpos negros e insurgências epistêmicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, p. e007820, 2021.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo Território & Educação Decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência. Salvador: EDUFBA, 2020. E-book. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32375/3/corpo-territorio-educacao-decolonial-repositorio.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MOREIRA, Evandro Carlos. **Características, importância e contribuições da ação de planejar para a educação física escolar**. In: MOREIRA, Evandro Carlos (Org.). Educação física escolar: desafios e propostas 1. 2. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009. p. 43-54.

NASCIMENTO, Solange Aparecida; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Valores civilizatórios afro-brasileiros: o lugar da cultura no currículo da educação quilombola. **Revista Humanidades & Inovação**, Tocantins, v. 4, n. 3, p. 202-210, 2017. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/346>. Acesso em: 6 fev. 2024.

NEIRA, Marcos Garcia. A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da educação física. **Revista Pensar a prática**, p. 81-89, jan./jul., 2008.

NEIRA, Marcos Garcia. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 13, n. 3, p.174-180, jul./set. 2007.

NOVAES, A. J. da Silva. **Além dos jogos escolares**: possibilidades de eventos para a Educação Física como componente curricular. Vitória-ES: Universidade Federal do Espírito Santo, 1 fev. 2023.

OLIVEIRA, Dayse Kelly Barreiros de; MOURA, Ellen Michelle Barbosa de; LIMA, Fernanda Bartoly Gonçalves de. A formação *Stricto sensu* de professores da educação básica e a autonomia no trabalho docente: relações possíveis. **Educação em Foco**, Belo Horizonte, ano 24, n. 42, p. 300-317, jan./abr. 2021.

PAULA, A. S. do N. de; SILVA, A. L. F. da; LIMA, K. R. R. Formação humana e Educação Física: proposições para além do conservadorismo. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 59-77, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/22719>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PINTO, Fabio Machado; MACAMO, Arestides Joaquim; AZEVEDO, Naiane. Ensinando práticas corporais de origem afro-brasileira e africana na Educação Física Escolar. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S370-S384, abr./jun. 2014.

PIRES, Joice Vigil; SOUZA, Maristela da Silva. Educação Física e a aplicação da Lei nº 10.639/03: Análise da legalidade do ensino da cultura afro-brasileira e africana em uma escola municipal do RS. **Movimento**, [S. I.], v. 21, n. 1, p. 193-204, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/46624>. Acesso em: 6 fev. 2024.

QUISSAMÃ. **Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável do Município de Quissamã – RJ**. Lei Complementar no 002, de 13 de novembro de 2006. Institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Sustentável do Município de Quissamã - RJ, e estabelece diretrizes e normas para o ordenamento físico-territorial e urbano, o uso, a ocupação e o parcelamento do solo. Jornal O DEBATE, Macaé, RJ, de 14 de novembro de 2006. Relatório Final Parte I – Estudos de Diagnósticos. Março de 2006.

- ROCHA, Luiz Alexandre Oxley da. **Política curricular brasileira no tempo presente**: disputa pela hegemonia na implantação e reforma dos cursos de Educação Física em Vitória/ES. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- SANTOS, Karolainy Benedet dos; BONA, Bruna Carolini de; TORRIGLIA, Patrícia Laura. A cultura afro-brasileira e a dança na Educação Física escolar. **Motrivivência**, [S. l.], v. 32, n. 62, p. 01–20, 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e66197. Acesso em: 6 fev. 2024.
- SAUL, A.; SILVA, A. F. O legado de Paulo Freire para as políticas de currículo e para a formação de educadores, no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 90, n. 224, 16 abr. 2009.
- SAVIANI, Dermeval. Sobre a natureza e especificidade da educação. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 7, n. 1, p. 286-293, 2015.
- SILVA, Maria Cecília de Paula; MOREIRA, Anália de Jesus. A lei nº 10.639/03 e a Educação Física: Memórias e reflexões sobre a Educação eugênica nas políticas de formação de professores. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 4., 2010
- SILVA, Maria Cecilia de Paula. Corpo, saber, sabor: política e práxis na formação humana. In: SILVA, Maria Cecilia de Paula (org.). **De corpo inteiro**: corpo, cultura e educação no tempo presente. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 26-39.
- SOARES, C. L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- SOMBRA, Giovanni José Rocha; SOUSA, Carlos Henrique Andrade de; MARTINS, Elcimar Simão. **Formação Docente**: os produtos educacionais de um mestrado profissional como práxis pedagógicas. *Ensino em Perspectivas*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1–10, 2022.
- THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2011.
- VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 25-42, set. 2009.
- VIEIRA, Marcílio de Souza. A importância do conhecimento da cultura popular na Educação Física. **Revista da FARN**, Natal, v. 10, n. 1/2, p. 13-33, jan./dez. 2011.
- ZAIDAN, Samira; FERREIRA, Maria Cristina Costa; KAWASAKI, Terezinha Fumi. A pesquisa da própria prática no mestrado profissional. *Plurais - Revista Multidisciplinar*, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 88, 16 ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.29378/plurais.2447-9373.2018.v3.n1.88-103>. Acesso em: 14 fev. 2024.
- ZAMDOMÍNEGUE, Bethânia Alves Costa. **A cultura popular nas aulas de Educação Física**: usos e apropriações em uma escola pública na Serra - ES. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

APÊNDICE

APÊNDICE A - CARTAZ DO FESTIVAL

Festival **MULTICULTURAL**

11 DE OUTUBRO
2023



9 HS

A turma 802 do CIEP 465
convida você e sua família
para festejar com a gente
esse momento especial.

Local:

Anfiteatro da
Prefeitura



Apoio:



Festival MULTICULTURAL



PROFESSOR

MARCILON SILVA

GRUPO

PRODUÇÃO

APOIO



CULTURA POPULAR DE QUISSAMA



APÊNDICE C - FRENTE FOLDER FESTIVAL

Nosso festival multicultural é uma jornada mágica que nos leva a compartilhar e celebrar as tradições profundamente enraizadas de Quissamã. Tudo começou como um modesto projeto de Educação Física, mas à medida que mergulhamos em nossa jornada, algo extraordinário aconteceu. Conhecemos o Jongu, o Fado e o Boi Malhadinho, e essa experiência inspiradora nos fez perceber a riqueza da conexão entre a cultura popular de Quissamã e as práticas corporais.

Nosso festival é mais do que um evento: é um testemunho do poder de descobrir e abraçar nossa herança cultural. Começou como uma semente plantada em sala de aula, mas agora floresce com nosso profundo apreço pela cultura de nossa cidade. Com olhos renovados, entendemos a importância de conhecer e valorizar toda a riqueza histórica por trás dessas tradições.

Em resumo, essa incrível jornada da Educação Física com a cultura local de Quissamã nos mostrou a conexão íntima entre o corpo e nossa tradição cultural. Que nosso festival multicultural, fruto dessas experiências, nos ajude a celebrar e preservar essa ligação única entre nosso corpo e nossa cultura. Afinal, somos todos parte dessa história encantadora que é Quissamã.

Turma 802

CIEP Brizolão 465 Dr. Amílcar Pereira da Silva

Ano 2023

APOIO



TURMA 802

Alcimar Barreto; Ana Beatriz Almeida; Ana Clara de Almeida; Ana Liz Nascimento; Anna Fernanda Souza; Brayan Barreto; Carini Rodrigues; Gabriel da Silva; Gabriel Souza; Jair Franco; Jhenifer de Souza; Jonas Henrique; Juiya dos Santos; Ligra dos Santos; Luiz Felipe Almeida; Mathews Teodoro; Mayara Reis; Miguel Renan Leal; Niccolas Silva; Ravy Cardoso; Rodrigo Ribeiro; Samuel Ribeiro; Thamiris de Souza; Thauan Marinho.



APÊNDICE D - VERSO FOLDER FESTIVAL

FESTIVAL MULTICULTURAL CULTURA POPULAR DE QUISSAMÃ

Durante o ano letivo de 2023, a Turma 802 do CIEP 465 Dr. Amílcar Pereira da Silva teve a oportunidade incrível de mergulhar nas ricas manifestações da cultura popular de Quissamã. Durante nossas aulas de Educação Física, fomos conduzidos a uma Jornada de descoberta que enriqueceu nossa compreensão das tradições que moldam a identidade de nossa cidade.

Nos muros do Clube Recreativo, encontramos uma representação viva de nossa herança cultural. Os elementos do Jongo, do Fado e do Boi Malhadinho nas paredes nos lembraram da importância de preservar e compartilhar essas tradições que são tão significativas para Quissamã.

Queremos expressar nossa gratidão às muitas pessoas em nossa comunidade que nos apoiaram durante essa jornada de exploração cultural. Foi uma experiência enriquecedora que nos inspirou a valorizar ainda mais as preciosas tradições que tornam Quissamã um lugar único.

Neste contexto, o Festival Multicultural de Quissamã se torna uma oportunidade única para nossa turma retribuir toda a experiência que tivemos, celebrando e compartilhando nossa apreciação pelas riquezas da cultura popular de Quissamã.

Atenciosamente,

TURMA 802

FESTIVAL MULTICULTURAL

Produção e Organização: Turma 802

EDUCAÇÃO FÍSICA & CULTURA

Visita aos painéis pintados no muro do Clube Recreativo

Hoje o dia foi muito legal, fomos ao Clube Recreativo de Quissamã. Lá, vimos os painéis pintados no muro do Clube Recreativo, aprendemos um pouco mais sobre a cultura e história de Quissamã. Quando a apresentação acabou, fomos conhecer o clube.

Lá, vimos uma sauna, uma piscina enorme e um campo de futebol. O professor e o presidente do clube nos deixaram jogar bola, o que foi muito bom.

(Brayan Barreto)



Machadinha

Hoje, o professor nos levou de ônibus para Machadinha. Uma moça estava lá para nos explicar sobre a cultura de Machadinha. Ela nos falou sobre as senzalas, que eram lugares onde os escravos ficavam, e como hoje em dia algumas delas se tornaram casas, a Casa Grande e o baobá.

Vimos a semente do baobá, que é muito pequena e se transforma em uma árvore gigante. Depois, fomos conduzidos para assistir ao Jongo, uma dança que os escravos usavam para se comunicar. Eu achei a dança muito interessante.

Após todas essas atividades, voltamos para a escola."

(Gabriel Souza)



Visita ao Fado

"O passeio foi muito bom. Durante a visita à dança do fado, testemunhamos um dos melhores passeios que já vivenciei na vida. Neste lugar, tivemos a oportunidade de presenciar a dança do fado, ouvir os pandeiros e os tambores, além de ver os bois, inclusive um que estava em construção, e também coelhos."

(Jonas Henrique)



É uma dança linda, muito interessante pra se estudar com roupas linda, gestos lindos. É uma dança que marcou e marca até hoje a cidade.

(Anna Fernanda)

Visita ao Boi Surubim

"Eu realmente gostei da experiência de lidar com o Boi, foi muito divertido! O Boi é incrível, seu pelo é suave e sua impenetrabilidade pode causar um pouco de medo.

Além disso, os outros personagens, especialmente as mulhinas, são igualmente bonitos, todas elas enfeitadas e com nomes individuais."

(Mayara Reis)



EDUCAÇÃO FÍSICA & CULTURA

FESTIVAL MULTICULTURAL

Produção e Organização: Turma 802

APÊNDICE D - VERSO FOLDER FESTIVAL

FESTIVAL MULTICULTURAL CULTURA POPULAR DE QUISSAMÃ

Durante o ano letivo de 2023, a Turma 802 do CIEP 465 Dr. Amílcar Pereira da Silva teve a oportunidade incrível de mergulhar nas ricas manifestações da cultura popular de Quissamã. Durante nossas aulas de Educação Física, fomos conduzidos a uma Jornada de descoberta que enriqueceu nossa compreensão das tradições que moldam a identidade de nossa cidade.

Nos muros do Clube Recreativo, encontramos uma representação viva de nossa herança cultural. Os elementos do Jongo, do Fado e do Boi Malhadinho nas paredes nos lembraram da importância de preservar e compartilhar essas tradições que são tão significativas para Quissamã.

Queremos expressar nossa gratidão às muitas pessoas em nossa comunidade que nos apoiaram durante essa jornada de exploração cultural. Foi uma experiência enriquecedora que nos inspirou a valorizar ainda mais as preciosas tradições que tornam Quissamã um lugar único.

Neste contexto, o Festival Multicultural de Quissamã se torna uma oportunidade única para nossa turma retribuir toda a experiência que tivemos, celebrando e compartilhando nossa apreciação pelas riquezas da cultura popular de Quissamã.

Atenciosamente,

TURMA 802

FESTIVAL MULTICULTURAL

Produção e Organização: Turma 802

EDUCAÇÃO FÍSICA & CULTURA

Visita aos painéis pintados no muro do Clube Recreativo

Hoje o dia foi muito legal, fomos ao Clube Recreativo de Quissamã. Lá, vimos os painéis pintados no muro do Clube Recreativo, aprendemos um pouco mais sobre a cultura e história de Quissamã. Quando a apresentação acabou, fomos conhecer o clube.



Lá, vimos uma sauna, uma piscina enorme e um campo de futebol. O professor e o presidente do clube nos deixaram jogar bola, o que foi muito bom.

(Brayan Barreto)

Machadinha

Hoje, o professor nos levou de ônibus para Machadinha. Uma moça estava lá para nos explicar sobre a cultura de Machadinha. Ela nos falou sobre as senzalas, que eram lugares onde os escravos ficavam, e como hoje em dia algumas delas se tornaram casas, a Casa Grande e o baobá.

Vimos a semente do baobá, que é muito pequena e se transforma em uma árvore gigante. Depois, fomos conduzidos para assistir ao Jongo, uma dança que os escravos usavam para se comunicar. Eu achei a dança muito interessante.

Após todas essas atividades, voltamos para a escola."

(Gabriel Souza)



Visita ao Fado

"O passeio foi muito bom. Durante a visita à dança do fado, testemunhamos um dos melhores passeios que já vivenciei na vida. Neste lugar, tivemos a oportunidade de presenciar a dança do fado, ouvir os pandeiros e os tambores, além de ver os bois, inclusive um que estava em construção, e também coelhos."

(Jonas Henrique)



É uma dança linda, muito interessante pra se estudar com roupas linda, gestos lindos. É uma dança que marcou e marca até hoje a cidade.

(Anna Fernanda)

Visita ao Boi Surubim

"Eu realmente gostei da experiência de lidar com o Boi, foi muito divertido! O Boi é incrível, seu pelo é suave e sua impenetrabilidade pode causar um pouco de medo.

Além disso, os outros personagens, especialmente as mulhinas, são igualmente bonitos, todas elas enfeitadas e com nomes individuais."

(Mayara Reis)



EDUCAÇÃO FÍSICA & CULTURA

FESTIVAL MULTICULTURAL

Produção e Organização: Turma 802

APÊNDICE E - ABERTURA DO FESTIVAL

É com muita alegria que estamos aqui hoje para compartilhar com todos vocês o que fizemos durante as aulas de Educação Física neste ano. Foi uma jornada incrível de descobertas e aventuras, e mal podemos esperar para contar tudo!

Ao longo deste ano, mergulhamos de cabeça nas maravilhosas manifestações da cultura popular de Quissamã. Fomos em busca de tradições que muitas vezes passam despercebidas, mas que são preciosas para nossa cidade.

Visitamos os lugares mais incríveis, onde pudemos experimentar em primeira mão os ritmos contagiantes, as danças vibrantes e as histórias fascinantes que fazem parte de nossa herança cultural. Ficamos verdadeiramente impressionados com a riqueza de nossa cultura local.

Nossa turma se dedicou de corpo e alma a essa missão de descoberta. Foi uma experiência que nos fez crescer, aprender e apreciar ainda mais o lugar onde vivemos. Aprendemos que a cultura é como uma jóia rara que precisa ser cuidada e compartilhada com todos.

Hoje, estamos aqui para compartilhar um pouco do que vimos e aprendemos. Queremos que todos saibam o quão especial é a nossa cidade e o quão importante é preservar suas tradições.

Agradecemos a todos por nos apoiarem em nossa jornada de descoberta e esperamos que vocês também se apaixonem por nossa cultura, assim como nós. Nosso futuro está cheio de possibilidades e prometemos continuar explorando, aprendendo e celebrando nossa incrível herança cultural.

Obrigado a todos por estarem aqui e por nos ouvirem hoje!"

APÊNDICE F - ENCERRAMENTO DO FESTIVAL

Laryssa retornará ao palco enquanto uma música triste toca. ela olha para a plateia e observará o pessoal vestido de jongueiro e o pessoal do boi malhadinho vindo em sua direção. Um componente de cada manifestação da cultura popular de Quissamã estará com uma boneca abayomi pendurada no pescoço. Ela reconhecerá a boneca e abraçará cada um dos componentes que estão com a boneca. Após esse abraço da mãe, os filhos erguerão as bonecas para o alto, descerão as escadas no anfiteatro e cada um dará uma boneca para as pessoas que estarão na primeira fileira. Depois retornarão para o palco e será uma grande festa.

Onde tocará uma música (o boi surubim poderá tocar) e todas as pessoas que estiverem no palco dançarão livremente.

A turma toda vai a frente e agradece

APÊNDICE G - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO



ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Quissamã,
17 de Maio de 2023

3º ENCONTRO FORMATIVO DO GRUPO DOS ESTUDANTES

NOME.:

TURMA: 802

ASSINATURA: _____

1 - QUAL É O TEMA PRINCIPAL DOS PAINÉIS OBSERVADOS?

2 - QUAIS SÃO AS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA POPULAR RETRATADAS NOS PAINÉIS?

3 - COMO AS FIGURAS DE PESSOAS ANTIGAS AJUDAM A PRESERVAR A CULTURA LOCAL?

4 - COMO OS PAINÉIS REPRESENTAM AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA CIDADE DE QUISSAMÃ, COMO O FADO, O JONGO E O BOI MALHADINHO?

5 - QUAL É A IMPORTÂNCIA DESSAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS PARA A IDENTIDADE LOCAL DE QUISSAMÃ?

MARCILON BEZERRA DA SILVA
PESQUISADOR

LUIZ ALEXANDRE OXLEY DA ROCHA
ORIENTADOR

APOIO



APÊNDICE H - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

CULTURA POPULAR & EDUCAÇÃO FÍSICA
COMO PRODUTORES DE PROTAGONISMOS
CONTRIBUIÇÕES DAS PRÁTICAS CORPORAIS PRESENTES
NA CULTURA POPULAR DE QUISSAMÃ

6 - COMO OS PAINÉIS PINTADOS NO MURO DO CLUBE RECREATIVO DE QUISSAMÃ CONTRIBUEM PARA A VALORIZAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA CULTURA POPULAR LOCAL?

7 - QUANDO E COMO O CLUBE RECREATIVO DE QUISSAMÃ FOI FUNDADO? QUAIS FORAM AS MOTIVAÇÕES E OBJETIVOS INICIAIS PARA A SUA CRIAÇÃO?

8 - COMO O CLUBE RECREATIVO DE QUISSAMÃ TEM CONTRIBUÍDO PARA A COMUNIDADE LOCAL AO LONGO DE SUA HISTÓRIA?

9 - QUAL É O LEGADO E IMPACTO DO CLUBE RECREATIVO DE QUISSAMÃ NA COMUNIDADE LOCAL EM RELAÇÃO À PRESERVAÇÃO DA CULTURA LOCAL?*

10 - DENTRO DO EXPOSTO PELOS PALESTRANTE, REDIJA UM TEXTO COM NO MÍNIMO 12 LINHAS, FALANDO SOBRE SUAS IMPRESSÕES QUANDO VISITOU OS PAINÉIS QUE RETRATAM A CULTURA POPULAR DE QUISSAMÃ NO CLUBE RECREATIVO.

1 _____

2 _____

3 _____

4 _____

5 _____

6 _____

7 _____

8 _____

9 _____

10 _____

MARCILON BEZERRA DA SILVA
PESQUISADOR

LUIZ ALEXANDRE OXLEY DA ROCHA
ORIENTADOR

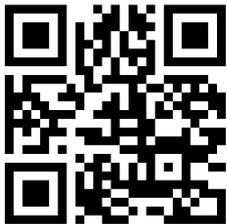
APOIO





MARCILON SILVA

Sua graduação é em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ-2009), atuando nos anos iniciais e finais do das redes públicas de ensino de Quissamã (2011) e Campos dos Goytacazes (2013).



Após enfrentar diversos desafios pessoais e acadêmicos, Marcilon Silva iniciou sua carreira como professor na educação infantil, posteriormente atuando nos anos finais do ensino fundamental. Sua trajetória foi marcada por uma intensa participação em projetos comunitários e sociais, onde desenvolveu habilidades de pesquisa e construção do conhecimento em conjunto com sua comunidade.

Além de seu trabalho nas escolas, Marcilon Silva também se engajou em órgãos colegiados e representativos do município, contribuindo para a formulação de políticas educacionais locais. Sua experiência o levou a refletir sobre o papel do professor de Educação Física na formação dos alunos e sua relação com a comunidade, buscando sempre novas formas de engajamento político e social dos estudantes.

Atualmente, Marcilon Silva trabalha na produção de videoaulas para os anos finais do ensino fundamental, utilizando sua experiência com tecnologias digitais no processo educativo. Sua busca constante por conhecimento o levou a ingressar em um mestrado profissional em Educação Física, onde pretende explorar como os professores podem contribuir para o engajamento político e social dos alunos, utilizando as manifestações da cultura afro-brasileira como mediadoras do processo de ensino-aprendizagem.



Marcilon Bezerra da Silva

@marcilonsilvaprofessor · 8 inscritos · 6 vídeos

Saiba mais sobre este canal >

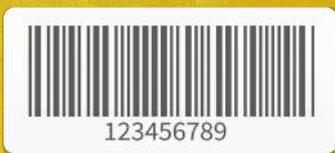
Personalizar o canal

Gerenciar vídeos





THAMIRIS VITÓRIA DE SOUZA ALVES



— “ —

Eu achei incrível a oportunidade que o professor Marcilon nos deu, nunca pensei que eu poderia conhecer mais sobre a minha história, sobre a cultura da minha cidade e as tradições nas aulas de educação física. Foi uma experiência maravilhosa, onde eu sorri, brinquei, aproveitei, chorei, fiquei com medo e etc.

— ” —



TURMA 802: ALCIMAR BARRETO NUNES; ANA BEATRIZ ALMEIDA TERRA; ANA CLARA DE ALMEIDA PEROBA; ANA LIZ ESPÍRITO SANTO NASCIMENTO; ANNA FERNANDA LUIZ SOUZA; BRAYAN BARRETO DE AGUIAR; CARINI RODRIGUES AZEVEDO; GABRIEL DA SILVA FERNANDES; GABRIEL SOUZA ALMEIDA; JAIR FRANCO DE OLIVEIRA NETO; JHENIFER ALEXANDRIA DE SOUZA; JONAS; HENRIQUE PAULA DE SOUZA; JULYA DOS SANTOS SILVA; LIGYA DOS SANTOS NUNES; LUIZ FELIPE ALMEIDA CARDOSO; MATHEUS TEODORO DE SOUZA; MAYARA REIS PACHECO MOURA; MIGUEL RENAN DE SOUZA LEAL DAVID; NICOLAS SILVA FERREIRA; RAVY CARDOSO GOMES; RODRIGO RIBEIRO CHAGAS PINTO; SAMUEL RIBEIRO SANTOS; THAMIRIS VITÓRIA DE SOUZA ALVES; THAUAN MARINHO CORDEIRO.

COLABORADORES

